



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CURSO DE TURISMO E HOTELARIA**

VIVIANE MIRANDA GONÇALVES JATOBÁ

**TURISMO DE AVENTURA: O CASO DO DISTRITO DE ITAITÚ,
JACOBINA-BA**

**SALVADOR
2010**

VIVIANE MIRANDA GONÇALVES JATOBÁ

**TURISMO DE AVENTURA: O CASO DO DISTRITO DE ITAITÚ,
JACOBINA-BA**

**Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Turismo e Hotelaria,
Universidade do Estado da Bahia,
como parte dos requisitos parcial
para a obtenção de nota da disciplina
de Trabalho de Conclusão de Curso
em Turismo e Hotelaria.**

Orientadora: Msc. Myriam Freire

**SALVADOR
2010**

VIVIANE MIRANDA GONÇALVES JATOBÁ

**TURISMO DE AVENTURA: O CASO DO DISTRITO DE ITAITÚ,
JACOBINA-BA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel Turismo e Hotelaria, à banca examinadora.

Aprovada em de 17 de março de 2010 pela Comissão Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Myriam S.Freire de Mello Soares
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora
Universidade do Estado da Bahia

Laerton Andrade Lima
Professor Doutor em Engenharia da Produção

Aliger Pereira dos Santos
Professora Mestra em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social

AGRADECIMENTOS

Em destaque minha dedicação e imenso agradecimento a Deus, por me dar sempre força e coragem para alcançar meus objetivos.

À minha orientadora, professora Miriam, meus agradecimentos pela confiança e incentivo.

À minha família, principalmente aos meus pais pelo carinho e estímulo ao estudo. Por serem os melhores pais do mundo e acima de tudo pelo exemplo de vida.

Sou grata aos meus irmãos, Victor e Vinícius, que sempre quando possível me deram força.

Com muito carinho, agradeço a Magno, meu namorado e melhor amigo, por seu amor e paciência, também pelos momentos de alegria e por tantas vezes ser o ombro em que muitas vezes chorei e desabafei.

Pelos momentos inesquecíveis, agradeço aos meus colegas da HOT TUR, pessoas especiais que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional.

Por renovar meu ânimo, me dar conselhos e carinho, agradeço às minhas amigas Liziane, Lorraine, Luanna e Marília.

Aos meus outros amigos, de Umburanas, Jacobina, Feira de Santana, Salvador e Rio de Janeiro agradeço por tudo, principalmente pelo apoio, pelas palavras de conforto e pela presença mesmo longe. Amo vocês!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar o segmento do Turismo de Aventura desenvolvido em Itaitú, distrito do município de Jacobina. A pesquisa levantou a infra-estrutura e os atrativos turísticos de Itaitú que são explorados para a prática do Turismo de Aventura, também identificou de que forma a iniciativa pública e privada atuam no desenvolvimento da atividade, além de ter averiguado o posicionamento da população residente no distrito frente ao turismo de aventura praticado na localidade. Para cumprimento deste estudo de caso foram utilizados os procedimentos exploratório, em que se fez uso de técnicas de pesquisa documental e de levantamento. Na pesquisa de campo foram empregados alguns instrumentos para a coleta de dados como: aplicação de entrevistas, formulários e observação de campo, como forma de se alcançar os objetivos aqui propostos. Como resultado deste estudo, foi entendido que Itaitú possui vocação para desenvolver o turismo de aventura, no entanto ainda apresenta alguns pontos a serem melhorados, como infra-estrutura básica e turística, o que demonstra a necessidade de maiores investimentos públicos e privados, além de uma maior participação da comunidade local no processo.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo de Aventura. Planejamento Turístico. Jacobina/Itaitú-BA.

ABSTRACT

This study is about the Adventure Tourism developed in Itaitú, district of the Jacobina city. The research raised the infrastructure and tourist attractions of the place that are exploited for the practice of adventure tourism, also identify how the public and private initiative in the development of work activity, and examine the positioning of the resident population in district opposite the adventure tourism practiced in the area. To comply with this case study we used the procedures exploratory, which made use of techniques of documentary research and survey. In the field research were used a few tools for data collection as: additional interviews and field observation forms as a way of achieving the goals proposed here. As a result of this study, it was understood that Itaitú has vocation to develop adventure tourism, but still has some points to be improved, such as basic infrastructure and tourism, which demonstrates the need for greater public and private investment, and greater local community participation in this process.

KEYWORDS: Adventure Tourism. Tourist Planning. Jacobina/Itaitú-BA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa de acesso à Jacobina.....	35
Figura 02	Tombador em Jacobina.....	37
Figura 03	Prática de casacading.....	38
Figura 04	Vôo de asa delta em jacobina.....	39
Figura 05	Mapa de acesso ao distrito de Itaitú.....	39
Figura 06	Serras de Itaitú.....	40
Figura 07	Flora de Itaitú.....	41
Figura 08	Fauna de Itaitú.....	41
Figura 09	Igreja da Matriz em Itaitú.....	42
Figura 10	Atividade do cascading pelos Aranhas da Chapadas.....	43
Figura 11	Acesso ao distrito de Itaitú por Jacobina.....	45
Figura 12	Tabulação que leva água captada na cachoeira Arapongas.....	47
Figura 13	Escola Municipal Pedro José da Silva – Itaitú.....	48
Figura 14	Terreno baldio onde é jogado o lixo coletado em Itaitú.....	49
Figura 15	Posto de delegacia de Itaitú.....	51
Figura 16	Bar Wideal.....	52
Figura 17	Pousada da Elaine.....	53
Figura 18	Pousada Wideal.....	54
Figura 19	Pousada Serra Azul.....	54
Figura 20	Placa de conscientização ambiental na trilha Vêu de Noiva.....	55
Figura 21	Posto de informações turísticas de Jacobina.....	57
		58

Figura 22	Treinamento para a prática de rapel ministrado pelos Aranhas da Chapada.....	60
Figura 23	Cachoeira Vêu de Noiva.....	60
Figura 24	Cascading na cachoeira Vêu de Noiva.....	60
Figura 25	Cascading na cachoeira Vêu de Noiva pelos Aranhas da Chapada...	61
Figura 26	Cachoeira do Piancó.....	62
Figura 27	Cavalgada das mulheres em Itaitú.....	

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Faixa etária da amostra da população de Itaitú.....	62
Gráfico 02	Naturalidade da amostra da população de Itaitú.....	64
Gráfico 03	Ocupações da amostra da população de Itaitú.....	65
Gráfico 04	Escolaridade da amostra da população de Itaitú.....	66
Gráfico 05	Participação da população em projetos.....	66
Gráfico 06	Participação da população em reuniões sobre os atrativos turísticos...	66
Gráfico 07	Pontos positivos de Itaitú.....	67
Gráfico 08	Problemas de Itaitú.....	68
Gráfico 09	Visão sobre o turismo.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	15
2.1	O MEIO AMBIENTE E O TURISMO.....	15
2.2	O TURISMO DE AVENTURA.....	18
2.3	O PLANEJAMENTO TURÍSTICO.....	21
3	ABORDAGEM HISTÓRICA DO TURISMO DE AVENTURA.....	25
3.1	TURISMO DE AVENTURA NO MUNDO.....	25
3.2	TURISMO DE AVENTURA NO BRASIL.....	27
3.3	TURISMO DE AVENTURA NA BAHIA.....	31
4	APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	34
4.1	O MUNICÍPIO DE JACOBINA.....	34
4.2	O DISTRITO DE ITAITÚ.....	39
4.2.1	A atividade do Turismo de Aventura em Itaitú (breve histórico)....	42
5	RESULTADO E ANÁLISE DO TRABALHO EM CAMPO NO DISTRITO DE ITAITÚ.....	44
5.1	LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS ELEMENTOS TURÍSTICOS DE ITAITÚ.....	44
5.1.1	Infra-estrutura básica.....	44
5.1.2	Infra-estrutura turística.....	51

5.1.3	Atrativos turísticos que possibilitam a prática do turismo de aventura	58
5.2	A PERCEPÇÃO DO TURISMO PELOS MORADORES	62
	CONCLUSÃO	70
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA AOS REPRESENTANTES DA ARMAT E AO GRUPO ARANHAS DA CHAPADA	77
	APÊNDICE B – ENTREVISTA APLICADA AOS REPRESENTANTES DA PREFEITURA DE JACOBINA	78
	APÊNDICE C – FORMULÁRIO APLICADO NO NOS ESPAÇOS DE A&B	79
	APÊNDICE D – FORMULÁRIO APLICADO NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM	81
	APÊNDICE E – FORMULÁRIO APLICADO AOS MORADORES DE ITAITÚ	84

1 INTRODUÇÃO

O turismo vem se destacando como um importante e crescente vetor de desenvolvimento e sustentabilidade no Brasil e no mundo. Em vista deste crescimento, percebe-se o destaque para algumas segmentações do turismo como, por exemplo, o turismo de aventura, que tem alcançado um crescimento significativo nos últimos anos, cerca de 20% como afirma a Organização Mundial de Turismo – OMT ([200?] *apud* PARQUE... [entre 2005 e 2009]). Este segmento tem se tornando uma alternativa viável em diversas regiões do Brasil, à medida que cria oportunidades de emprego e renda nas localidades que o desenvolve. Entretanto, convém salientar que a atividade turística, principalmente a de aventura, deve-se desenvolver em uma localidade de forma adequada, regular e não amadora, respeitando as normas e as leis estabelecidas, preservando o meio ambiente e inserindo a comunidade local como forma de garantir a ética e a qualidade dos produtos e/ou serviços oferecidos, assim como a proteção à vida dos seus usuários, já que a atividade supõe riscos e imprevistos.

Como forte opção para o turismo ecológico e de aventura, tem-se o município de Jacobina, localizado no noroeste do estado da Bahia, microrregião do Piemonte da Chapada Diamantina, a 330 km de Salvador (CRUZ, 2006). O surgimento desta localidade remete à vinda dos bandeirantes no século XVII que chegaram ao Norte da Chapada atraídos pelas suas pedras preciosas, fato esse que foi e continua sendo uma das principais rendas do município. Além desta alternativa econômica, a localidade desenvolve a prática turística, em seus diversos segmentos, com destaque para o turismo de aventura e o ecoturismo.

O espaço geográfico escolhido para a análise do turismo ecológico e de aventura foi o distrito de Itaitú, localizado ao norte do Município de Jacobina, por dispor de características geomorfológicas e ambientais propícias à prática de esportes como o cascading, o rapel, as caminhadas e cavalgadas, fato que passa a atrair cada vez mais visitantes para a localidade.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela importância do tema estudado (turismo de aventura) e a escassez bibliográfica sobre o mesmo, que conta com poucos dados e informações, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento dessa atividade no local objeto deste estudo. A contribuição para o Itaitú se constituirá no detalhamento de informações acerca da localidade, identificando de que forma está sendo desenvolvido o segmento do turismo de aventura no distrito, analisando os elementos sociais e ambientais da localidade, além de

apontar e caracterizar os atrativos turísticos e a infra-estrutura necessária para sua prática, apresentando, subseqüentemente, a visão da população sobre esta atividade desenvolvida no local.

Dessa forma, o trabalho contribuirá para as áreas de sociologia, política, geografia, meio ambiente e planejamento, já que a pesquisa aborda questões como turismo, políticas públicas, sustentabilidade e outros. Poderá oportunizar também uma maior ampliação dos estudos e pesquisas sobre o segmento do turismo de aventura, favorecendo um maior conhecimento de pesquisadores, de estudantes e da comunidade local, além de profissionais que lidam diretamente com esta atividade (guias e condutores, dentre outros).

Face ao exposto, este trabalho tem como objetivo geral a análise do desenvolvimento do turismo de aventura no distrito de Itaitú, nos aspectos sociais e ambientais. Dentre os objetivos específicos, destacam-se:

- Identificar os atrativos turísticos e a infra-estrutura do distrito de Itaitú que possibilitem a prática do Turismo de Aventura, diagnosticando a situação atual.
- Verificar o posicionamento dos profissionais do turismo voltados para Itaitú e a relação destes com o Turismo de Aventura.
- Avaliar a percepção dos moradores de Itaitú sobre o turismo, principalmente o de aventura, desenvolvido na localidade.

Como forma de nortear esta pesquisa e assim alcançar os objetivos propostos acima, será necessário responder às seguintes questões: Quais fatores influenciam positiva e/ou negativamente na prática do turismo de aventura no distrito de Itaitú? De que forma a iniciativa pública e privada atua no desenvolvimento do turismo de aventura em Itaitú? Qual o posicionamento da população residente em Itaitú frente ao turismo desenvolvido na localidade?

A pesquisa constitui-se de um estudo de caso cuja análise realizada sobre o distrito de Itaitú aponta as características e as potencialidades a respeito do turismo de aventura desenvolvido nesta localidade. Para cumprimento do trabalho, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória, uma vez que foram abordadas descrições qualitativas e quantitativas.

As técnicas utilizadas foram as da pesquisa documental e de levantamento, em que se recorreu a fontes primárias (informações advindas de moradores e de profissionais da área de

turismo que trabalham na localidade) e secundárias (mediante uso de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses).

Para a construção deste trabalho, foram empregados alguns instrumentos de pesquisa de campo para a coleta de dados como: entrevistas com os guias e condutores turísticos do município de Jacobina integrantes da Associação Regional de Monitores de Atrativos Turísticos – ARMAT, com o grupo Aranhas da Chapada (grupo de rapel de Jacobina), além das entrevistas realizadas com representantes da Prefeitura Municipal de Jacobina e funcionários do posto de informações turísticas do município. Foram aplicados formulários a alguns funcionários de empreendimentos turísticos da vila e à comunidade local. Fora isto, também foi necessário o uso do método de observação de campo, em que foi realizado um levantamento dos atrativos turísticos utilizados nas práticas do turismo de aventura em Itaitú.

Sobre o tratamento destes dados coletados, sejam eles oriundos de informações bibliográficas ou de campo, foi efetuada uma interpretação e análise destes para então atingir o objetivo desta pesquisa. As informações coletadas pelas entrevistas e também pelo levantamento turístico dos atrativos de Itaitú se encontram dispostos em texto no decorrer do corpo do trabalho; já os formulários aplicados encontram-se em forma de gráfico para melhor visualização de seus resultados.

Esta pesquisa está estruturada em cinco capítulos. O primeiro equivale a uma breve Introdução, em que é apresentado o tema, as questões norteadoras da pesquisa, as razões que levaram à escolha do tema, os procedimentos adotados para a realização da pesquisa, a estrutura do texto (organização e divisão dos capítulos) e outros. O segundo capítulo compreende a Revisão da Literatura, em que estão dispostas as visões e conceitos de diversos autores, para entendimento de termos como Meio Ambiente, Turismo, Turismo de Aventura e Planejamento.

O terceiro capítulo aborda o surgimento e desenvolvimento do turismo de aventura no mundo, no Brasil e na Bahia, salientando a importância desta atividade para as mais diversas localidades e a forma como estas a desenvolvem. O quarto capítulo aborda o estudo do local, objeto desta pesquisa, trazendo as caracterizações históricas, culturais e econômicas tanto do município de Jacobina quanto do distrito de Itaitú. O quinto capítulo traz informações coletadas em campo, compostas pelo levantamento da infra-estrutura básica e turística, dos atrativos utilizados para a prática do turismo de aventura em Itaitú e as respectivas análises destes dados. Para finalizar, tem-se a Conclusão, relacionando a parte teórica fundamentada no início da

pesquisa com os dados obtidos na pesquisa em campo, como forma de se chegar às respostas das questões problemas e alcançar os objetivos propostos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo teve como finalidade promover uma revisão do campo do conhecimento referente aos aspectos teóricos e conceituais de termos como: Meio Ambiente, Turismo, Turismo de Aventura e Planejamento Turístico, como forma de evidenciar o grau de desenvolvimento destes conceitos e sua aplicabilidade no local de estudo deste trabalho.

2.1 O MEIO AMBIENTE E O TURISMO

O meio ambiente é um dos elementos cruciais para o desenvolvimento de qualquer atividade, uma vez que este constitui a “matéria – prima” da ação a ser desenvolvida, possibilitando a geração de oportunidades e ameaças. O termo meio ambiente provém do latim médium (meio) que se refere ao “lugar” onde qualquer ser vivo pode ser encontrado, e ambire (ambiente) que se relaciona a tudo o que envolve este “lugar”. Portanto, o ambiente reforça o conceito de meio, repassando-nos a idéia de entorno ou da realidade física que envolve todos os seres vivos (FERRETTI, LOTZ, 2002).

Segundo a CO2 Soluções Ambientais (2009, não paginado) meio ambiente pode ser conceituado como:

Uma expressão que traduz a interação do conjunto de elementos naturais, artificiais e culturais que propiciam o desenvolvimento equilibrado da vida em todas as suas formas. É tudo aquilo que cerca o ser vivo e que tem relação direta ou indireta com ele.

Esta é uma definição mais completa que a primeira, em que são incluídos, como integrantes do meio ambiente, os elementos bióticos (comunidade de indivíduos de diferentes populações) e abióticos (meio não vivente que cerca as populações) e suas inter-relações, abrangendo também os elementos construídos pelo homem e os padrões comportamentais (RUSCHMANN, 2001).

É justamente por ser um recurso inerente que o turismo se apropria e interage com o espaço (meio ambiente), tendo este como base econômica de sua atividade. Segundo Coccossis (1996 *apud* SWARBROOKE, 2000, p.3) uma das características importantes desta interação é:

A existência de fortes mecanismos de realimentação: o turismo como frequência tem efeitos adversos sobre a quantidade – e a qualidade – dos recursos naturais e culturais, mas ele também é afetado pelo declínio da qualidade e da quantidade desses recursos.

Logo, a atividade turística pode modificar (positiva ou negativamente) o meio em que está sendo inserida e vice-versa. Essa relação do turismo com o meio ambiente sempre existiu, até mesmo na época em que se precedem as definições de Turismo enquanto atividade. A exemplo disto, tem-se alguns estudos desenvolvidos na França pelo MINISTÈRE DE L'ENVIRONNEMENT/TOURISME (1992 *apud* RUSCHMANN, 2001) que aponta quatro fases de relacionamento entre o meio ambiente e o turismo, evidenciando os principais acontecimentos e fatos que ocorreram no decorrer dos séculos.

A primeira fase ocorreu no século XVIII, quando o turismo ainda não era visto como atividade econômica propriamente dita. Esta fase é caracterizada pela “descoberta da natureza e das comunidades receptoras”, marcada ainda pela maior curiosidade do turista pelo meio a ser visitado, também pela busca de novos destinos, principalmente aqueles em que a industrialização ainda não tinha chegado. Além disso, esta é a fase da descoberta dos primeiros equipamentos turísticos (RUSCHMANN, 2001).

O turismo, na verdade, sempre esteve presente na história da humanidade. No entanto, ele era apenas encarado como deslocamento cuja finalidade principal era o ócio, descanso, cultura, saúde, negócios ou relações familiares. Foi somente a partir da revolução industrial, com ascensão do capitalismo, que ele pode ser explorado e visto mediante novos aspectos, sendo estruturado e organizado para atender a uma nova demanda. Esta é uma das principais características da segunda fase, marcada por um turismo “dirigido” e elitista, que vai do século XIX ao início do século XX (RUSCHMANN, 2001). Trata-se da fase em que não se tinha preocupação com o meio ambiente. Logo, a natureza era domesticada e explorada por empresas turísticas sem maiores cuidados. Este foi um período marcado também pelo *boom* imobiliário gerado a partir do aumento da demanda, além de ter como destaque o surgimento das primeiras definições do termo “turismo”, que surgem, na sua maioria, no século XIX, e passa a ter como característica o deslocamento de pessoas com fins de prazer, em que incluía, quase que somente, pessoas de classes sociais mais elevadas. Tanto que, na Inglaterra, em 1811, por exemplo, entendia-se turismo como “teoria e prática de excursão, viagem por prazer” (BONALD, 1978).

Embora seja um termo já há algum tempo estudado, o turismo é um fenômeno que não possui ainda uma definição completamente aceita, tanto que, segundo Beni (2003, p. 17) esta conceituação “é complexa e não pode ficar limitada a uma simples definição, pois que este fenômeno ocorre em distintos campos de estudo em que é explicado em conforme diferentes correntes de pensamento, e verificados em contextos vários da realidade social”.

Dentre os diversos conceitos acerca do turismo, têm-se os dos investigadores Hunziker e Krapl em 1942 (*apud* BONALD, 1978, p. 46) que caracterizam a atividade como sendo “um conjunto das relações e fenômenos produzidos pela viagem e permanência de pessoas fora de seu lugar de domicílio, desde que a viagem e a permanência não estejam motivadas por uma atividade lucrativa”. Interpretando este conceito, compreende-se que o turismo, para ser desenvolvido, não pode exercer o tráfico remunerado, ou seja, não pode ter fins de negócios, trabalho ou estudo.

A terceira fase da relação Turismo e Meio Ambiente foi caracterizada pelo turismo de massa e ocorreu nos anos 50 até os meados dos anos 80 (RUSCHMANN, 2001). Foi um período em que o turismo se desenvolveu de uma forma bastante rápida, e na mesma perspectiva dos demais segmentos da economia, com a utilização intensiva dos recursos naturais e sem uma preocupação com a preservação desses atrativos que formavam (e formam) a base da sustentação da atividade (DIAS, 2003, p.51).

Como neste período o turismo passou a ganhar destaque como atividade econômica de grande potencial, alguns estudiosos da época o trataram sob uma ótica mais capitalista. O turismo foi então caracterizado como uma atividade geradora de renda, que faz parte de um setor econômico, não dando atenção adequada aos elementos ambiental, cultural, psicológico, sociológico e antropológico, como percebido na definição de turismo defendida por Boullón (*apud* BONALD, 1978, p. 47), do Centro Interamericano de Capacitação Turística:

Turismo é uma atividade econômica do setor terciário, que consiste no conjunto de serviços vendidos ao turista. Ditos serviços estão necessariamente inter-relacionados, de maneira que a ausência de um deles dificulta e até impede a venda ou a prestação de todos os outros; além disto, tem a peculiar característica de que só é possível ser produzido em locais rigidamente predeterminados, para os quais se deslocam os turistas, ainda que sua venda se realize fora dele (...). Difere das demais vendas, porque não há uma distribuição do produto, visto como o consumidor é quem viaja à fonte de produção.

McIntosh e Grupta (*apud* IGNARRA, 1999, p. 24) também acabam conceituando Turismo como “a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e,

cortesmente, satisfazer suas necessidades e desejos”, considerando, assim, a busca da satisfação e dos desejos pelos turistas que passam a encarar a viagem não exclusivamente como uma necessidade.

A quarta fase, iniciada na metade dos anos 80, foi marcada pela interpretação do turismo como uma atividade social, não meramente econômica (RUSCHMANN, 2001). Atribuiu-se foco especial aos problemas causados pelo Turismo ao meio ambiente e acentuou-se a preocupação com as comunidades receptoras. Esta fase deu espaço à renovação do turismo, que passou a não mais priorizar o turismo de massa, dando lugar a outros tipos de turismo; àquele que se utiliza principalmente do meio natural, visando formas de preservação e em alguns casos a conciliação com práticas esportivas.

Dentro deste contexto, foi elaborada uma forma “ideal” de desenvolvimento do turismo, que seria aquele baseado na sustentabilidade, a qual o trata sobre “uma perspectiva a um prazo mais longo que o usual ao tomarmos decisões, e envolve uma necessidade de intervenção e planejamento. O conceito [...] engloba claramente o meio ambiente, as pessoas e os sistemas econômicos (SWARBROOKE, 2000, p. 3). Turismo sustentável é, então, o turismo baseado na sustentabilidade que é economicamente viável. Ou ainda, segundo Swarbooke (2000, p. 19), “formas de turismo que satisfaçam hoje as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas necessidades”.

2.2 O TURISMO DE AVENTURA

Da mesma forma como acontece com o termo turismo, o turismo de aventura não possui uma única definição. Sabe-se que esta provém da palavra aventura - do latim *adventura* – “o que há por vir” – e remete a algo diferente e inusitado. Para fins deste conceito, consideram-se atividades de aventura as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvam desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos que podem proporcionar sensações diversas de liberdade, de prazer, de superação a depender da expectativa e experiência de cada pessoa e do nível de dificuldade de cada atividade (BRASIL, 2006).

Nos Estados Unidos, Read (1980 *apud* UVINHA, 2005, p. 27) sugere uma das primeiras definições de turismo de aventura:

Uma ampla variedade de atividades de aventura, geralmente comercializadas, envolvendo interação com o meio natural, contendo elementos de riscos em que o resultado é influenciado pelo participante, pelo local e pela gestão profissional da experiência dos turistas.

Nesta definição, porém, o autor ao mensurar que a atividade pode ser ou não comercializável, contrapõe a própria definição de turismo, que é uma atividade meramente comercializável.

Já Swarbrooke (2003, p. 28) define turismo de aventura como sendo:

A soma dos fenômenos e relacionamentos derivados das interações de atividades turísticas de aventura com o mundo natural longe do local de residência habitual do participante e contendo componentes de riscos, nos quais os resultados são influenciados pela participação, pelo ambiente e pela experiência da operadora de viagem (SWARBROOKE, 2003, p.28).

Embora mais completa que a definição de Read, por já mencionar que para exercer a atividade do turismo de aventura é necessária a qualificação da mão-de-obra, visto que esta supõe riscos e imprevistos, Swarbrooke comete um equívoco ao reduzir a prática do turismo de aventura ao espaço natural, fato questionável, vez que esta atividade pode ser exercida em ambientes naturais e urbanos, tanto ao ar livre como em ambientes internos (FARAH, 2005, p. 28).

Uvinha (2001, p. 40) diz que, no turismo de aventura, “a tração são os exercícios físicos em situações de desafio, em ambientes naturais”. Nessa conceituação, nota-se que o autor comete o mesmo equívoco de Swarbrooke, de limitar o espaço de exercício das atividades de aventura ao meio natural, além de também tratar a atividade somente pelo ponto de vista radical, se esquecendo do lado social, cultural e ambiental do segmento.

Consoante Souza e Corrêa (1998, p. 67), o turismo de aventura é caracterizado por “viagens em que predominam a busca do desconhecido, as aventuras românticas, de caça, de conquistas de acidentes geomorfológicos e assemelhados”, ou ainda, um tipo de turismo que “pressupõe uma programação de atividades de participação, onde o turista passa a ser o protagonista de seu próprio prazer”. Percebe-se, dessa forma, que o turismo de aventura é um segmento que busca lugares, programas e equipamentos “novos” e diferenciados, satisfazendo os

turistas do segmento que buscam por inovações e que habitualmente são os participantes da aventura, não somente observadores.

No Brasil, o turismo de aventura embora seja uma atividade recente, que data mais especificamente de 1990, tem se tornado um segmento que adquire cada vez mais destaque, reconhecimento e investimentos. A definição deste segmento surgiu no país na oficina para a elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura, realizado em Caeté (MG), em 2001, e é, até então, a definição mais bem aceita no país. Segundo este Plano, o turismo de aventura é definido como o:

Segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam riscos controlados exigindo o uso técnico e equipamentos específicos, adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural (BRASIL, 2005, p.10).

Mesmo sendo esta considerada a conceituação mais bem aceita no país, ela exclui a possibilidade de realização de turismo de aventura em ambientes internos e controlados, como, por exemplo, na prática do arborismo que pode ser adaptada para dentro de ambientes fechados, como aconteceu no Centro de Convenções na Feira e Convenção “Adventure Sports Fairs” 2002 em São Paulo (MORA FILHO, 2003).

Ainda no Brasil, o turismo de aventura é tido como um segmento que possui diversas modalidades, e Farah (2005, p. 29) as resume em:

Modalidades de terra: arborismo, bungee jumping, ciclismo, caminhada, cavalgada, canionismo, escalada, espeleoturismo, fora-de-estrada, Motocross, rapel e tirolesa. Modalidades de água: boiacross, canoagem, duck, kite-surf, mergulho, parasail, rafting e surfe. Modalidades de Ar: asa-delta, balonismo, parapente, pára-quedismo e ultraleve.

É importante destacar que o turismo de aventura é uma atividade tratada exclusivamente como um segmento do turismo, mas, muitas vezes, o é confundido com outros segmentos turísticos, como o turismo esportivo, e/ou tido como complemento de outros, como o turismo de natureza e o ecoturismo. Nesse contexto, podem-se apresentar algumas semelhanças e diferenças significativas entre os segmentos citados anteriormente.

O turismo de aventura, em algumas abordagens, é definido com a mesma conceituação de turismo esportivo, como acentua Goidanich e Moletta (2000). Mas, segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006, p. 35), “as atividades denominadas esportivas, sejam ou não de aventura, quando entendidas como competições, denominam-se modalidades esportivas e

são tratadas no âmbito do segmento turismo de esporte”. Logo, compreende-se que apesar de ambas as segmentações tratarem de atividades esportivas, somente se considera como integrantes do turismo de aventura as práticas que não forem de caráter competitivo, e sim recreacionais com fins de lazer e/ou prazer.

O turismo de natureza, no seu sentido mais amplo, é caracterizado por Souza e Corrêa (1998, p. 17) como “atividades turísticas ligadas ao meio ambiente natural, onde os participantes mantêm estreito contato com a natureza”. Logo, pode-se dizer que o turismo de aventura se assemelha ao turismo de natureza, uma vez que ambos usufruem do meio natural para a realização de suas atividades, mas se diferenciam pelo fato do turismo de aventura também exercer suas práticas em espaços artificiais e urbanos, não se limitando ao meio natural.

Assim como o turismo de natureza, o ecoturismo também possui como característica a utilização unicamente do meio natural para desenvolver suas atividades, fator que também o diferencia do turismo de aventura, que, como já mencionado, inclui outros meios. Para Pires (2002 *apud* UVINHA, 2005, p. 210), o ecoturismo e o turismo de aventura possuem outras diferenciações, “no ecoturismo a motivação principal é a observação e a apreciação das características naturais e dos recursos culturais a ela associados”. Já no turismo de aventura, dá-se preferência à exercitação física e a situações desafiadoras no ambiente natural e urbano (PIRES, 2002 *apud* UVINHA, 2005, p. 210). Sabe-se que o turismo de aventura tem como foco a prática de esportes que envolvam adrenalinas e riscos controlados, característica não determinante no Ecoturismo.

2.3 O PLANEJAMENTO TURÍSTICO

O planejamento é um dos principais vetores que norteia o bom desenvolvimento de uma atividade, tanto que Ruschmann e Widmer (2000, p. 108) tratam este meio como algo “importante dentro de qualquer ação humana da qual se espera resultado”. Ainda para eles, “qualquer ação ou conjunto de ações que visem o alcance de metas devem ser cuidadosamente planejados a fim de maximizar a probabilidade de sucesso”.

Para melhor entendimento da palavra “planejamento”, Lafer (*apud* BONALD, 1978, p. 165) afirma que este termo “nada mais é do que um modelo teórico para a ação, que se propõe a organizar racionalmente o sistema econômico a partir de certas hipóteses sobre a realidade”.

BONALD (1987, p. 165) afirma ainda que “planejamento é uma metodologia, uma técnica aplicada ao processo de decisões sociais e que” pressupõe, ao buscar sua coerência, uma definição de objetivos, uma política de desenvolvimento (CAVALCANTI *apud* BONALD, 1978, p. 165). Dessa maneira, nota-se que estas conceituações trazem um ponto de vista mais econômico e metodológico, em que se vê o planejamento exclusivamente como técnica, que geralmente é utilizada como forma de alcançar o que se almeja, o que pode incluir a solução de problemas, conquista dos objetivos estabelecidos ou a espera da obtenção de lucros.

Seguindo a mesma lógica apresentada por Olímpio, na conceituação de planejamento, Estrol e Albuquerque (*apud* RUSCHMANN, 2001, p. 71) o define como sendo:

Um processo que consiste em determinar os objetivos de trabalho, ordenar os recursos materiais e humanos disponíveis, determinar os métodos e as técnicas aplicáveis, estabelecer as formas de organização e expor com precisão todas as especificações necessárias para que a conduta da pessoa ou do grupo de pessoas que atuarão na execução dos trabalhos seja racionalmente direcionada para alcançar os resultados pretendidos.

Consoante Ruschmann (2001, p. 83), planejamento é:

Planejamento é então uma atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos (...) e tem por objetivo o aprimoramento de facilidades e serviços para que uma comunidade atenda seus desejos e necessidades (RUSCHMANN, 1997, p. 83).

Em ambas as conceituações apresentadas, percebe-se o destaque para os mesmos preceitos básicos do planejamento: definições de objetivos e formas de alcançá-los. No entanto, essas definições se diferenciam pelo fato de Ruschmann trazer a notória preocupação com a comunidade inserida no processo, dando indícios de um planejamento baseado em características sustentáveis.

Dentre as diversas atividades que recorrem ao planejamento, tem-se o turismo, que exatamente pela sua complexidade, baseado nos diversos tipos de serviços e equipamentos que envolvem, necessita de um planejamento complexo, a fim de que, efetivamente, beneficie empresários, núcleos receptores, comunidades locais e turistas (RUSCHMANN, WIDMER, 2000).

Segundo Harry e Spink (1990, *apud* RUSCHMANN, 2001, p. 63), o planejamento turístico é “o desenvolvimento de estratégias que permitam a uma organização comercial visualizar oportunidades de lucro em determinados segmentos de mercado”. Nesse conceito, os autores comentam que o planejamento da atividade turística pode ser uma fonte de maior

rentabilidade, visto que os turistas se sentem atraídos por locais mais estruturados. Isto, na verdade, é uma forma de tornar o produto mais conhecido no mercado.

Já Águida (2002, não paginado) define o termo planejamento turístico como sendo:

Um processo que analisa a atividade turística de um determinado espaço geográfico, diagnosticando seu desenvolvimento e fixando um modelo de atuação, mediante o estabelecimento de metas, objetivos, estratégias e diretrizes elaboradas por profissionais da área - Bacharel em Turismo – pretendendo impulsionar e integrar o turismo ao conjunto macroeconômico em que está sendo inserido.

Logo, o autor traz uma conceituação de planejamento turístico mais voltado para o lado metodológico, em que se cumprem os passos detalhados de um planejamento. Notam-se também indícios de organização e de integração do turismo como formas de torná-lo uma atividade viável para as localidades que pretendem desenvolvê-la.

De acordo com Ruschmann (2001, p.97), o planejamento “é o instrumento fundamental para garantir o desenvolvimento do Turismo equilibrado e harmonioso com os recursos físicos, culturais e sociais das regiões receptoras, o que evita, assim, que o turismo destrua as bases que o fazem existir”. Por isto, o planejamento turístico é importante, porque seus efeitos são extremamente significativos e potencialmente duradouros (HALL, 2001). Sob esta análise, percebe-se que o planejamento surge como meio de minimizar principalmente os danos causados ao meio ambiente pela atividade turística, já que se limitará a ação do homem sobre o território. Menciona-se que o turismo, quando ocorre sem planejamento, pode ser capaz de afetar inclusive o potencial turístico da área visitada, já que os turistas, em suas atividades, interagem com a sociedade, a cultura e o meio ambiente das regiões hospedeiras, podendo afetar positiva ou negativamente a localidade e seus aspectos (PETROCCHI, 2002).

Na realização de um planejamento turístico, devem ser priorizadas algumas ações, tais como: capacidade de carga turística em determinadas destinações ou recursos, a determinação de padrões e normas para este recurso, como de proteção ambiental, de ética, de proteção ao turista, de integração social e outras que se achar conveniente ao tipo de recurso ou destinação, além do desenvolvimento sustentável (RUSCHMANN apud SILVA, 2003). Devemos salientar também que prever as necessidades e desejos dos turistas, antever as necessidades de preservação ambiental e exercê-la, estruturar os serviços e equipamentos oferecidos, determinar estratégias de treinamento pessoal, estimular lucros e despesas, conhecer detalhadamente o local (tipo de clima, de cultura, de nível social e econômico) são considerados pontos extremamente

importantes em todo o planejamento, pois interferem diretamente no seu desenvolvimento (RUSCHMANN, WIDMER, 2000).

O planejamento turístico deve ser conciliado aos segmentos afins do meio e deve trabalhar de forma integrada com o poder público e com a população autóctone para que obtenha os resultados pretendidos (SILVA, 2003). Segundo Beni (1987, apud SILVA, 2003, p. 25) “esta integração também considera conjuntos como as relações ambientais que envolvem os subsistemas ecológico, social, econômico e cultural; a organização estrutural da comunidade e as ações operacionais que envolvem o mercado, a oferta e a demanda, optando sempre pelo melhor modo de distribuição”. Logo, para se realizar um planejamento coerente, deve-se ater a interesses de diversos integrantes que devem ser incluídos no processo, como o poder público apresentado em suas esferas (municipal, estadual e federal), o setor privado, e a população local.

Diante dos tópicos abordados, percebe-se a importância de se planejar a atividade turística em seus diversos segmentos. Afinal, esta é uma forma de organizar e estruturar as ações a serem desenvolvidas, minimizando impactos negativos no destino e garantindo sua potencialidade duradoura, o que vem a oferecer um produto seguro e de qualidade para os consumidores.

3 ABORDAGEM HISTÓRICA DO TURISMO DE AVENTURA

Este capítulo tem como objetivo fazer uma retrospectiva do turismo de aventura para melhor compreensão de sua abrangência e das suas potencialidades e estruturas, no que se refere ao cenário mundial, brasileiro e baiano, para que, desta forma, se possa melhor analisar, de maneira mais particular, o município de Jacobina, principalmente o distrito de Itaitú.

3.1 TURISMO DE AVENTURA NO MUNDO

Desde a antiguidade, os seres humanos utilizam o meio ambiente para realizar práticas de esportes. Foi à partir desses exercícios, principalmente dos esportes radicais (esportes de ação), que surgiu o turismo de aventura.

A primeira modalidade de esporte apareceu, em meados do século XVII, com o início do montanhismo. Essa modalidade teve seu primeiro registro a partir de uma escalada histórica ao cume do Mont Blanc, nos Alpes, na França em 1776, fato que desencadeou um esporte chamado de Alpinismo (MORA FILHO, 2003), caracterizado por Franzen (1998 apud MORA FILHO, 2003) como sendo a “ascensão ao cume de montanhas localizadas na cadeia montanhosa dos Alpes na Europa”. Dessa atividade despontaram-se outras, como o Pára-glaider ou Pára-pente, que é um esporte de vôo o qual utiliza o pára-pente como descida pelas montanhas (JESUS, 2003).

Outras novas formas de esportes de ação surgiram. Estas, agora, datadas do século XIX, período de maior expansão das modalidades de aventura. Nos anos de 1970, como precursoras do século, despontou a Whitbread Ocean Race, e também as modalidades e competições de risco-aventura que utilizavam veículos motorizados, veículos “off-the-road”, como, por exemplo, o Rali Paris-Dakar, iniciado em 1979, e o Camel Trophy, realizado em lugares inóspitos em diferentes países, a partir de 1980 (SPINK, ARAGAKI; ALVES, 2005). No final de 1980, vê-se emergir novos segmentos de aventura: os ralis humanos, tendo como destaque o Raid Gauloise (concebido por um jornalista francês, Gérard Fusil, e realizado pela primeira vez na Nova Zelândia em 1989) e o Eco-Challenge Lifestyles Inc. (fundado por Mark

Burnett em 1992) que inova por associar aventura e ecologia (SPINK; ARAGAKI; ALVES, 2005). Esses eventos já envolviam múltiplas modalidades de aventura, ainda não muito divulgadas, mas que já existiam, como: a montaria a cavalo, canoagem, escalada, rapel, mountain bike e longas caminhadas. Atividades essas que derivaram ou ajudaram a derivar outras modalidades, como o snowboarding que procedeu do esqui, o mountain bike do ciclismo, o rafting da canoagem e outros (JESUS, 2003).

Atualmente se observa uma forte tendência mundial para o desenvolvimento dos esportes radicais como forma de fuga do cotidiano. Assim sendo, estabeleceu-se o turismo de aventura, uma alternativa da atividade turística que se espalhou pelo mundo, como uma forma viável de desenvolvimento para muitos lugares, principalmente para aqueles dotados de belezas naturais. Foi a partir dessa demanda que algumas empresas do “trade” turístico começaram, então, a introduzir algumas modalidades dos esportes radicais ao turismo como forma de tornar a atividade lucrativa. Dessa maneira, influenciou-se a criação de novos destinos e a adaptação de outros voltados à prática das diferentes atividades relacionadas ao segmento. Desses destinos destacam-se: Austrália, Nova Zelândia, Costa Rica, Canadá, EUA e Reino Unido (FONSECA, 2004). Países esses que se tornaram referência para outras localidades, como o Brasil, por apresentar modelos de ordenamento e planejamento para as práticas do turismo de aventura.

Antes da década de 80, a Costa Rica ainda não figurava no mapa turístico mundial, mas as suas primeiras iniciativas de egresso ao mercado turístico surgiram a partir de segmentos voltados para destinos da natureza. Essa demanda fez com que o setor público criasse áreas protegidas (cerca de 30% do território) na forma de unidades de conservação e investisse no desenvolvimento do Ecoturismo e também do turismo de aventura (FERNÁNDEZ, 2003).

Atualmente, a Costa Rica é reconhecido como uma das localidades do mundo onde mais se investe em estrutura para o turismo de aventura e também em educação ambiental para a população. Outro cuidado que se tem no país, é no tocante ao sistema de normalização, certificação e regulamentação do turismo de aventura. Este é desenvolvido por órgãos públicos em parceria com o setor privado, que ainda está em fase de consolidação, porém alcançando grande respaldo, visando principalmente a qualificação dos condutores e das empresas operadoras (FONSECA, 2004).

A Nova Zelândia é considerada por muitos o berço dos esportes radicais e, atualmente, o país destaque em turismo de aventura. Os seus diversos atrativos naturais

possibilitam variadas práticas do segmento, tais como: o Jet Boat no Rio Shotover, o Bungy Jump em uma ponte de 43 metros de altura sobre o rio Kawarau, o Rafting no Rio Shotover, o Balonismo com atividades de Skywire, Quadbike e Paintball e outros (CARR, 2002). Essas atividades contam com uma infra-estrutura adequada, um gerenciamento de riscos e a colaboração de trabalhadores capacitados e certificados (FONSECA, 2004).

Com um cenário extraordinário, um eficiente planejamento governamental baseado em pesquisas, uma liderança setorial forte e unificada, dando alta prioridade à qualidade do turismo e uma população inteligente, a Nova Zelândia atingiu, nos últimos 10 anos, o status emblemático de Capital Mundial da Aventura (BRASIL, 2005). As principais razões para o turismo de aventura da Nova Zelândia ser tão valorizado depende da adoção das seguintes medidas: uma estratégia nacional para o turismo sem setorização, a criação de Leis de proteção a parques nacionais compatíveis com o turismo, o excelente relacionamento que foi desenvolvido entre governo e setor turístico/privado, o investimento em qualificação dos profissionais, o incentivo ao setor de educação para programas de estudo de alta qualidade em turismo em todos os níveis, a implementação pelo governo de padrões de qualidade tendo como base procedimentos operacionais seguros e o intenso marketing específico para o segmento (BRASIL, 2005).

3.2 TURISMO DE AVENTURA NO BRASIL

Acompanhando essa tendência, o Brasil vem se apresentando como um grande potencial para o turismo de aventura, motivo que decorre de suas belezas naturais e da grandiosidade do país. Isso permite a realização de uma infinidade de atividades de aventura em diversos destinos turísticos.

Inicialmente tratado como uma vertente do turismo de natureza e do ecoturismo, o turismo de aventura se disseminou pelo Brasil, desenvolvendo características próprias e resultando no surgimento de empresas e profissionais especializados, fato que teve início nos primeiros anos da década de 1990 devido a grande demanda gerada pelo turismo interno decorrente da alta do dólar ocasionada pela instabilidade das maiores economias do mundo (MORA FILHO, 2003). Com o surgimento dessas pioneiras atividades comerciais do turismo de

aventura, o país obteve um crescimento vertiginoso relacionado ao segmento nos últimos anos (FARAH, 2005), tanto que, atualmente, estima-se que existam mais de 2.700 organizações relacionadas ao setor (BRASIL, 2005).

Contudo, o crescimento rápido e desordenado do mercado turístico brasileiro, sem planejamento dos destinos e qualificação dos profissionais que lidam diretamente com a atividade, contribuiu para o aumento de acidentes ocasionados pelo segmento e também para a ocorrência de impactos ambientais negativos nas localidades que as desenvolvia (FARAH, 2005).

Dentro desse contexto, algumas medidas e projetos visando à qualidade da atividade turística de aventura foram criados pelo governo brasileiro, através do Ministério do Turismo (Mtur) em parceria com outras entidades como o Instituto de Hospitalidade (IH) e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (Abeta). Dessas ações, tem-se o Projeto de Normalização em Turismo de Aventura executado pelo Instituto de Hospitalidade (IH) desde dezembro de 2003, com o intuito de organizar as atividades de aventura pela criação de regras ou normas técnicas, as quais possibilitem o desenvolvimento desse segmento com qualidade e segurança (BRASIL, 2005). São essas normas que englobam distintas atividades de aventura, como informa o Instituto de Hospitalidade:

Ao todo estão sendo desenvolvidas 24 normas técnicas, que abordarão assuntos como as competências mínimas para condutores das diversas atividades de turismo de aventura, as especificações dos produtos utilizados nessas atividades, a gestão da segurança e as informações mínimas que o cliente deve receber antes de iniciar uma prática de uma atividade de turismo de aventura (IH, 2007).

É importante destacar que essas regras de segurança e de certificação são voluntárias, mesmo sabendo que atividades de aventuras envolvem riscos. Outra ação do Governo brasileiro exclusivamente voltado para o turismo de aventura diz respeito a um documento denominado “Turismo de Aventura: Orientações Básicas”, elaborado pelo Ministério do Turismo, que oferece subsídios a gestores públicos e privados, na perspectiva da diversificação e caracterização da oferta turística brasileira (BRASIL, 2006). Segundo o Ministério (BRASIL, 2006), esse projeto engloba desde “aspectos conceituais e legais, abordando o perfil do turista, a identificação de agentes e parceiros, até as peculiaridades relativas à promoção e à comercialização”. Nele estão descritos os principais equipamentos e serviços necessários para desenvolver o turismo de aventura, em uma localidade, de forma planejada e estruturada.

Segundo esse projeto, é necessário que a localidade que deseje implantar o turismo de aventura verifique a viabilidade de se trabalhar com o segmento na região, isto é, feito mediante

identificação dos atrativos turísticos da região que são ou poderiam ser utilizados para a prática do turismo de aventura. Além disso, é imprescindível averiguar a disponibilidade de estruturas e serviços turísticos e de apoio, no local, que induziriam a esse desenvolvimento (BRASIL, 2006). Outro passo importante desse planejamento é a chamada “operação do produto turístico”, que visa à organização e à gestão da atividade a ser vivenciada pelo turista (BRASIL, 2006). Nessa fase são traçados objetivos e adotados procedimentos para melhor se desenvolver o segmento.

A questão do transporte é outro fator que precisa ser planejado, visto que para realização de uma atividade de aventura é necessário seu uso. Nesse item, deve-se ater ao tipo de transporte adequado a cada prática de aventura e também àquele que fará a locomoção de acesso aos atrativos turísticos. As acomodações e os locais de alimentação também são elementos essenciais para essa prática. No caso das acomodações, esta tem que considerar a duração, a distância do local que irá ser realizado a atividade de aventura e o perfil do turista, oferecendo a este conforto, não confundindo simplicidade com precariedade. Referente à alimentação são necessários cuidados com a água e com os alimentos que serão disponibilizados ao turista, principalmente no decorrer das atividades, lembrando que as refeições devem, sempre que possível, privilegiar a gastronomia local (BRASIL, 2006).

Toda atividade de aventura, independente de sua modalidade, deve contar com um condutor, seja monitor de atrativos turísticos, guias ou outro tipo de profissional capacitado e especializado para a prática que se almeja exercer, para que esta ocorra de forma segura e responsável (BRASIL, 2006). Esses profissionais deverão se ater aos equipamentos corretos e adequados para cada prática, também à identificação do grau de dificuldade de cada modalidade, além da identificação de medidas de segurança e prevenção na execução das atividades, como a mensuração de riscos e do planejamento de medidas de contingência de diversos fatores, que inclui: descrição dos riscos da atividades realizadas, equipamento de segurança, manutenção de veículos e equipamentos, primeiros socorros, recursos de comunicação e outros elementos essenciais para o desenvolvimento da atividade.

O documento aborda a necessidade de se ter grupos de busca e salvamento nas localidades de potencial turístico, visto que estes dariam um maior apoio e segurança quando preciso nas atividades de aventura. O projeto explana os impactos ambientais e sociais positivos e negativos que a atividade do turismo de aventura pode ocasionar no local que o desenvolve. Dentre os positivos estão o aumento de investimento para conservação e proteção do meio

ambiente, melhoria das condições ambientais relacionada à infra-estrutura básica, inserção de habitantes nas atividades e outras. Quanto aos impactos negativos, tem-se a poluição, o excesso de turistas, o uso inadequado do solo e outros fatores estes que devem ser evitados ou minimizados com o planejamento.

Como forma de acompanhar o crescimento efetivo e ordenado das atividades do turismo de aventura no Brasil, levando-se em conta a oferta de produtos e serviços nessas áreas, surgiu o Programa Aventura Segura, implementado pela Abeta. Esse programa considera as diversidades culturais, sociais e econômicas de algumas regiões brasileiras, definindo alguns destinos como áreas prioritárias para o desenvolvimento das atividades de turismo de aventura no país (BRASIL, 2005). Tais cidades são: Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE), Bonito (MS), Chapada Diamantina, Chapada dos Veadeiros (GO), Florianópolis (SC), Vale Alto Ribeira (SP), Serra do Cipó (MG), Foz do Iguaçu (PR), Serras Gaúchas (RS, SC), Brotas (SP), Serra dos Órgãos (RJ) e os Lençóis Maranhenses (MA).

Os destinos de Brotas (SP) e Bonito (MS) desenvolvem a atividade do turismo de aventura de forma consistente e prioritária. O município de Brotas foi uma das localidades pioneiras do turismo de aventura no Brasil, que hoje se destaca como modelo para os locais que almejam trabalhar com o segmento. O município começou a dar seus primeiros passos de estruturação da atividade turística de aventura em 1993 (OLIVEIRA JÚNIOR et al, 2001) à partir da criação de uma lei que proíbe a instalação de indústria poluente no município, da catalogação dos atrativos turísticos da localidade, da promoção de cursos de qualificação de mão-de-obra para a população, além de trabalhos de consciência ambiental com a comunidade (OLIVEIRA JÚNIOR, 2003). O local desenvolve e oferece modalidades de aventuras organizadas, com apoio do setor público e privado, que realmente investe na potencialidade do destino, desde ao cuidado com o meio ambiente à qualificação da mão-de-obra e estruturação dos atrativos.

Boa parte das atratividades de Brotas contam com trilhas definidas, equipamentos específicos e necessários para a prática das atividades e acompanhamento de guias capacitados que conhecem o trecho a ser percorrido, a fauna e a flora da localidade. Das modalidades mais conhecidas destacam-se o rafting no Rio Jacaré Pepira, as caminhadas e cavalgadas nas trilhas de Santa Maria, do Rio do Peixe e da Serra do Tamanduá, além do Canyoning/Rapel desenvolvidos nas suas diversas cachoeiras, que, na sua maioria, estão em localidades privadas. Esse fato não

se configura num entrave ou empecilho, já que são feitas parcerias entre as agências e as fazendas para exploração destes atrativos chamados sítios turísticos (OLIVEIRA JÚNIOR, 2003).

O município de Bonito, localizado no Estado de Mato Grosso do Sul (LOMBELLO JÚNIOR, 2007), reúne características geomorfológicas que permitem a realização de vários tipos de atividades do turismo de aventura, tais como: mergulho, bóia cross, cavalgadas, canoagem, biking, arborismo e outras opções (LOBO; MORETTI, 2008). O conjunto dessas atividades de recreação e de turismo têm conferido ao município um processo de crescimento vertiginoso em diversos setores, fomentando o aquecimento da economia local gerando renda, lucros e novas oportunidades de trabalho.

Bonito investe em medidas de planejamento da atividade turística de aventura. Isso faz da localidade um exemplo para muitas regiões do Brasil. Dentre essas ações destacam-se o investimento público no setor de educação, a promoção palestras de consciência ambiental em escolas visando atingir toda a população; a implantação de leis de conservação ambiental ligadas diretamente ao turismo, a criação e fiscalização de normas as quais exigem que todos os atrativos que funcionem em Bonito tenham regras internas que visem a afetar o mínimo a natureza e também o incentivo à mão-de-obra qualificada, principalmente para os profissionais que lidam diretamente com o segmento do turismo de aventura (LOMBELLO JÚNIOR, 2007).

3.3 TURISMO DE AVENTURA NA BAHIA

Como decorrência do desenvolvimento do segmento do turismo de aventura observado nas últimas décadas no Brasil, o estado da Bahia se apresentou junto a outros estados do país como uma localidade propícia à prática desse segmento. Isto decorre dos mesmos motivos pelos quais se resolveu investir no país, pelos seus muitos tipos de ecossistemas, seu clima tropical, sua beleza exótica, composta por parques, cachoeiras, lagos e montanhas, formando um conjunto de belezas naturais indescritíveis que possibilitam fortes emoções aos esportistas, através de atividades como Biking, canoagem/bóia-cross, canyoning, cavalgada, mergulho, motociclismo, motocross, pára-quedismo, pesca esportiva, rafting, sandboard, surf, rapel, trekking e vôo-livre (BAHIA..., [199?]).

Devido aos investimentos ocorridos no Brasil desde 1990 para na área do turismo de aventura, alguns estados potenciais passaram a receber incentivos principalmente da gestão pública (DECHANDT, 2007). A Bahia foi um dos estados privilegiados que passou então a ser estruturado para atender a demanda turística. Isto foi realizado através da implantação de algumas medidas e projetos. Assim, nasceu o Prodetur/Bahia – Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia, um projeto de natureza multisetorial, que investiu em segmentos “novos” a serem trabalhados no estado (Turismo de Aventura, de Eventos, Náutico e outros) e também na definição de zonas turísticas prioritárias de desenvolvimento do turismo. O Prodetur se propôs a implantar infra-estrutura, proteger o meio ambiente, capacitar mão-de-obra e promover os atrativos da região baiana. As sete áreas prioritárias do Estado foram divididas e correspondiam a Baía de Todos os Santos, Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê, Costa do Cacau, Costa do Descobrimento, Costa das Baleias e Chapada Diamantina. Para cada uma dessas regiões foi eleito um destino âncora, como é a Praia do Forte para a Costa dos Coqueiros; Salvador para a Baía de Todos os Santos; Morro de São Paulo para a Costa do Dendê; Ilhéus para a Costa do Cacau; Porto Seguro para a Costa do Descobrimento; o Parque Nacional Marinho de Abrolhos para a Costa das Baleias; e Lençóis para a Chapada Diamantina (SILVA, 2004).

Esse apoio público de incentivo ao turismo, incluindo o de aventura, acabou por estimular a iniciativa privada a investir na Bahia. Isso foi feito mediante à ajuda na implantação de infra-estrutura turística, através da criação de meios de hospedagem, de alimentação e de agências e operadoras de viagens, que passaram a organizar diversos esportes de ação e técnicas radicais em pacotes de viagens, passeios ecológicos e de aventura.

A Costa do Cacau, localizada no sul da Bahia, é uma das zonas turísticas prioritárias definidas pelo Prodetur/Bahia (PEDROSO; OLIVEIRA, 2004). Essa é uma região composta de centenas de quilômetros de praias, rios e cachoeiras, sempre circulados por áreas bem preservadas de Mata Atlântica. A Costa compreende os municípios de Itacaré, Uruçuca, Ilhéus, Uma, Canavieiras e Santa Luzia, localidades que desenvolvem práticas de aventura conhecidas em todo o Brasil (PEDROSO; OLIVEIRA, 2004).

Ilhéus se destaca como a cidade da Costa do cacau que possui melhor infra-estrutura para o turismo, principalmente para o de aventura. O local dispõe de vários meios de acesso (marítimo, terrestre e viário), de profissionais capacitados e de uma boa rede hoteleira e alimentícia (PEDROSO; OLIVEIRA, 2004). No município, são realizadas diversas atividades de

aventura nos seus mais diversos atrativos naturais, como: a prática da tirolesa e do rapel, na cachoeira Apepique, situada na Área de Proteção Ambiental (APA), com 50 metros de altura, o surf nas mais diversas praias da localidade como: nas Praias do Norte e do Sul, as atividades de canoagem no Rio Cachoeira, e as cavalgadas, realizadas pela Prefeitura do município em parceria com o setor privado, como a “Cavalgada do aventureiro Sebastião Magali”, que ocorre desde 1907, atraindo diversos turistas para a localidade (BAHIA..., [199?]).

A Chapada Diamantina é outra região que se destaca pelo desenvolvimento do turismo de aventura (RAPEL..., 2008). Ela é formada por 57 municípios os quais têm como características comuns uma topografia diversificada, em que estão vários rios, cachoeiras, montanhas e cavernas (uma das maiores concentrações do mundo), um clima ameno, variadas espécies de plantas (bromélias, orquídeas e sempre-vivas) e animais, além de outras belezas que fazem da localidade uma das regiões brasileiras que mais atraem visitantes.

Lençóis, localizado na parte central do Estado da Bahia, a 409 km de Salvador, é a principal porta de entrada da Chapada Diamantina e uma das principais localidades potenciais para a prática do turismo de aventura (BAHIA..., [199?]).

O município conta com aeroporto, infra-estrutura de hotéis, pousadas e restaurantes, com o auxílio de Agências de viagens que dispõem de guias bilíngües e de instrutores para a prática de esportes radicais; possui também três unidades de conservação: o Parque Nacional da Chapada Diamantina, a Área de Proteção Ambiental Marimbus Iraquara e o Parque Municipal da Muritiba. Essas unidades simbolizam uma alternativa de proteção ao meio ambiente e se apresentam como uma possibilidade de geração de renda para o município através da realização de prática do ecoturismo e de esportes de aventura, como o rapel, escaladas, cascading, biking, caving, trekking e o canyoning, desenvolvidos em grande do seu território (DECHANDT, 2007).

4 APRESENTAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

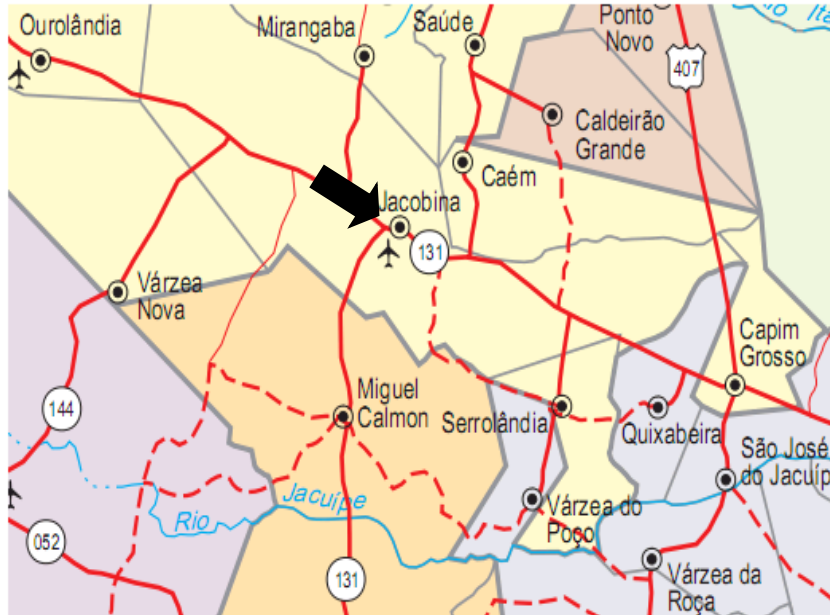
Para caracterização da área de estudo (distrito de Itaitú) foi necessário fazer um levantamento de informações acerca de Jacobina (item 4.1), município ao qual Itaitú faz parte. À partir de então, apresentar-se-à com maior propriedade o objeto de estudo (item 4.2).

Para cumprimento destas caracterizações, foi realizado um levantamento bibliográfico (mediante periódicos, monografia e revistas) e de campo, com informações advindas da Prefeitura Municipal de Jacobina, do Grupo de Rapel “Aranhas da Chapada” e de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e da Empresa de Turismo da Bahia - BAHIATURSA, colhidos em sites e projetos.

4.1 O MUNICÍPIO DE JACOBINA

O município de Jacobina está localizado na Zona Fisiográfica do Nordeste Baiano, incluído no chamado Polígono das Secas, fazendo parte também da Microrregião do Piemonte da Chapada Diamantina, área promovida pelo estado, através da Bahiatursa em parceria com a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia, como um dos principais destinos para a prática do ecoturismo e do turismo de aventura.

Jacobina está a noroeste da Bahia, distando 330 km da capital baiana, fazendo limite com as cidades de Caem, Mirangaba, Ouroândia, Várzea da Roça, Serrolândia, Quixabeira e Capim Grosso, conforme apresentada na figura 01.



O município possui 2.320 km² (IBGE, 2007), sendo formado pela sua sede (cidade), seus quatro distritos (Itaitú, Caatinga do Moura, Itapeipú e Junco) e seus vinte e dois povoados, que, no total, centralizam uma população de 76.463 habitantes (IBGE, 2008).

Dentre as diversas hipóteses existentes sobre o nome originário do município, o mais comum e aceito por historiadores e moradores da cidade é que a palavra Jacobina derivou de um casal de índios do povo “Payayá” (primeiros habitantes da cidade), cujos nomes eram Jacó e Bina. Essa junção deu origem ao nome Jacobina. Segundo a lenda, a fim de receber presentes, esse casal acolhia os aventureiros e, usando a sua influencia diante dos demais índios, conseguiam vencer as hospitalidades inerentes aos aborígenes, facilitando a penetração dos aventureiros nas terras incultas da região (SOUZA; BARBOSA, 2005, p.52).

A história de Jacobina não se resume apenas na vivência de índios na localidade; seu surgimento como cidade se deu principalmente pela vinda dos bandeirantes paulistas e portugueses, no século XVII, que chegaram à região a procura de metais preciosos, descobrindo o ouro, a prata e outras pedras.

O primeiro ato de devassamento dessas terras pode ser atribuído à penetração do bandeirante Belchior Dias Moréya, “o Muribeca”, que chefiou uma expedição beirando o Rio Itapicuru (SOUZA; BARBOSA, 2005, p.56). Depois dessa ação, diversas outras aconteceram, principalmente no final do século XVII, em que foi intensificada a corrida dos aventureiros à procura do ouro, decorrente da notícia de riqueza fácil, reunindo, assim, uma população bastante

heterogênea na localidade. A partir de então, em 05 de agosto de 1720 o rei Dom João V ordenou a criação da Vila de Santo Antonio de Jacobina para poder controlar a mineração clandestina. Somente em 1722 com a missão franciscana de Sahy, Jacobina se transformou em vila e depois de dois anos em Arraial de Bom Jesus. Em 13 de maio de 1726, foi criada uma das primeiras casas de fundição de moedas de ouro do Brasil, o que fez com que Jacobina se notabilizasse, vindo a ser a mais importante vila do Sertão baiano de sua época, sendo o elo do sertão com o litoral. Em 1880, a vila chegou à categoria de cidade.

O município de Jacobina possui um conjunto de características físicas, destacando-se como uma área propícia para a prática de diversos segmentos do turismo, principalmente àqueles relacionados às atividades de natureza.

A localidade registra pluviometria oscilante, bem como tipos climáticos. Há ocorrência de chuvas predominantes nas estações da primavera e verão, mas também, em pequena escala, no outono-inverno. O tipo climático predominante é o subúmido a seco, com todas as suas variações, dada a grande irregularidade na distribuição das chuvas. Os índices pluviométricos são mais elevados no entorno das principais elevações do terreno como a Serra de Jacobina (MAGNA ET AL, 2005, p. 67).

Como extensão da Chapada Diamantina, a região apresenta elevações geográficas e depressões periféricas interplanálticas. É possível distinguir algumas unidades geomorfológicas: as depressões do Itapicú, a Serra de Jacobina e os vales Intermontanos, os relevos cuestiformes da Formação Tombador, conforme figura 02, e os relevos aplanados da Formação Capim Grosso (MAGNA ET AL, 2005, p. 70). Essas formações incrivelmente belas possibilitam a prática de diversas atividades de aventura, como a contemplação, o vôo livre, escalas e rapel.



Em termos hidrográficos, o município está compreendido entre as Bacias do Rio Itapicuru, Paraguaçu e também do Rio São Francisco, tendo como principais açudes o de Caatinga do Moura, o do Rio do Peixe e o açude do França (MAGNA ET AL, 2005, p. 71). O Rio Itapicuru Mirim atravessa a cidade no sentido oeste-leste, confundindo-se com o Rio do Ouro no perímetro urbano. Esses rios apresentam importância histórica para a cidade, mas, infelizmente, não são preservados. Jacobina ainda faz parte da hidrografia regional com a Lagoa de Antonio Sobrinho, propícia para banho, e da Bacia do Rio Salitre (MAGNA ET AL, 2005, p. 71).

A economia do município é bastante diversificada, com predominância para a atividade extrativista, do turismo e da agropecuária, sendo:

- A agricultura é cultivada em todas as espécies, com destaque para as plantações de feijão, girassol, mamona e milho (IBGE, 2007) e também o cultivo de algumas frutas como a banana, goiaba, laranja, tangerina, limão, maracujá e manga, além da produção do café, coco-da-baía, e sisal (um dos principais cultivos da região).
- A pecuária é de grande relevo, destacando-se o criatório de bovino (destaque), Eqüinos, Asininos, Muares, Suínos, Caprinos e Ovinos.
- As atividades extrativistas (uma das principais do município) são feitas mediante à exploração do ouro (em sua maior parte pela empresa multinacional Yamana Gold), da cal, do mármore, da ametista, do arenito e de outros. Esta é uma atividade que, apesar de gerar renda para o município, por empregar grande número de pessoas, é também tida

como uma atividade que causa sérios danos ao meio ambiente, incluindo os atrativos turísticos naturais da cidade.

- O turismo, atividade econômica complementar do município, em que são explorados diversos segmentos que vai do histórico-cultural, como acervo histórico, casarões e igrejas antigas, diversas festas/eventos, como a corrida Duque de Caxias, a Micareta - primeira do Brasil, Festa do divino Espírito Santo, Festa de São Benedito, Festa da Missão, Marujada e outras, a segmentos que usufrui e envolve o meio natural, como o ecoturismo e o turismo de aventura (segmentos destaques do município).

Sobre o turismo desenvolvido na localidade percebe-se que já existe uma infraestrutura que atenda ao turista com uma boa rede hoteleira (com mais de 600 leitos), bons restaurantes, churrascarias, pizzarias, agência de viagem, postos de informações turísticas, guias e uma inesgotável fonte de diversão.

O turismo de aventura é um dos principais segmentos trabalhados na localidade, considerado uma das grandes potencialidades do município assim como o ecoturismo. Isto ocorre por causa de suas diversas características físicas e ambientais já apresentadas, como serras, lagoas, grutas, rios, morros, com destaque para as cachoeiras, que segundo dados da Bahiatursa (1999), totalizam 38 cachoeiras já catalogadas. Muitas destas são ideais para a prática do rapel e do cascading, conforme observado na figura 03. Além desses esportes radicais, é muito comum também a prática de alpinismo, do camping, do Jegue Trophy de Off Road, motocross e do vôo de Asa Delta (vide figura 04).



FIGURA 03: Prática de cascading em Jacobina.
Fonte: Silva, 2008.



FIGURA 04: Vôo de Asa Delta em Jacobina.

Fonte: Leal, 2007.

4.2 O DISTRITO DE ITAITÚ

Itaitú está situado no centro oeste da Bahia, na Chapada Diamantina Norte (MAGALY, 2008). É considerado um dos principais e mais visitados distritos de Jacobina, distando 30 km de sua sede (LEMOS, 1995, p. 107). Limita-se com os municípios de Saúde, Miguel Calmon e Cachoeira Grande, como pode ser observado na figura 05.

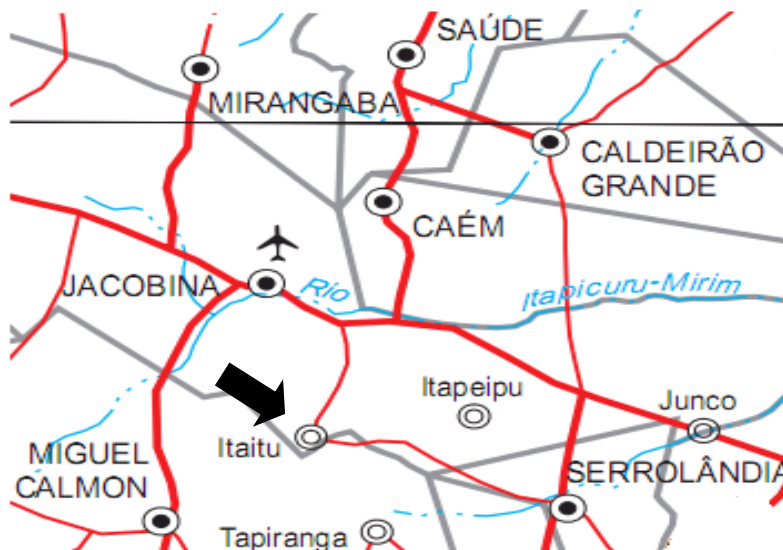


FIGURA 05: Mapa de acesso ao distrito de Itaitú.

Fonte: Bahia, 2000.

Itaitú foi o primeiro distrito de Jacobina. Possui diversas hipóteses acerca do seu nome originário e de sua história. Segundo Lemos (1995, p. 108) Itaitú “surgiu do desmembramento da Freguesia de Santo Antônio, em 1838, tendo como primeiro nome ”Freguesia do Coração de Jesus do Riachão”. Essa denominação surgiu a partir de uma igreja construída na vila, denominada Igreja do Coração de Jesus, a qual possuía quatro altares e ricas alfaias que desapareceram. No altar-mor, ficava o Coração de Jesus. Em um dos altares, estavam o São Roque e São Benedito; em outro ficava a imagem da Nossa Senhora da Conceição e, finalmente, no último altar, o Senhor Morto.

A freguesia do Coração de Jesus desapareceu com o tempo, ficando a paróquia subordinada à Jacobina. Logo após esse acontecimento, a vila passou a ser conhecida principalmente como Itaitú, que, em língua indígena, significa pedra grande. Sabe-se que, assim como Jacobina, Itaitú teve sua origem no período colonial, quando a extração do ouro era um dos principais motivos de desbravamento do interior da Bahia. Muitas pessoas contam que o distrito surgiu do povoamento de indivíduos que foram exilados de diversos países (criminosos), fato curioso, não comprovado.

Itaitú apresenta basicamente as mesmas características do seu município, possuindo um relevo diversificado, com elevações geográficas e depressões (vide figura 06), contando com índices pluviométricos e tipos climáticos oscilantes; com ocorrência de chuvas predominantes nas estações do outono-inverno, mas também, em pequena escala, na primavera e verão (considerada um período de seca).



FIGURA 06: Serras de Itaitú
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

O solo da vila apresenta partes baixas e altas. Na parte alta, estão as grutas e, nas baixas, estão as vazantes, aproveitadas para o plantio da cana e do arroz, sendo a cultura irrigada por métodos tradicionais (LEMOS, 1995). O distrito conta ainda com três nascentes que dão origem ao Rio da Marinheira e ao Rio do Cafundó. Possuindo diversas espécies de plantas e animais, conforme as figuras 07 e 08, como o macaco-prego, o veado campeiro, a paca, diversas aves e algumas espécies de árvores como pau-d'arco, pau-pombo e araçá (MAGALY, 2008).



FIGURA 07: Fauna de Itaitú
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.



FIGURA 08: Flora de Itaitú
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

No que tange a economia, a vila de Itaitú é essencialmente agrícola, com predominância para a agricultura de subsistência, cultivando-se principalmente a cana-de-açúcar (para a fabricação de rapadura nos engenhos), do arroz, feijão, milho e de verduras, em geral, principalmente o chuchu e tomate, além de furtas, como a laranja, a jaca, o abacate e a goiaba, com destaque para a banana (LEMOS, 1995, p. 107). O turismo ainda não é considerado a principal atividade econômica do distrito, mas é visto como uma atividade promissora.

Itaitú é uma vila pacata, de características únicas que atrai cada vez mais turistas que se encantam pela sua história, seu sossego, suas festas religiosas e profanas (Festa de São Benedito, de São Roque, do Coração de Jesus e o Festival de Primavera). Seu acervo histórico é muito rico, como as ruínas da Igreja de São Miguel da Figura e a Igreja da Matriz, construída no século XVII, cuja fachada foi restaurada, vide figura 09. Mas, sem dúvida, o chamariz da

localidade são os atrativos naturais, que, por si só, já evocam a prática do ecoturismo e do turismo de aventura.



FIGURA 09 – Igreja da Matriz em Itaitú
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

4.2.1 A atividade do Turismo de Aventura em Itaitú

Segundo informações coletadas em entrevistas junto a Prefeitura Municipal de Jacobina, ao Grupo de Rapel e Resgate Aranhas da Chapada e a membros da Associação Regional de Monitores de Atrativos Turísticos – ARMAT, a atividade do turismo de aventura começou a ser desenvolvida no município, incluindo Itaitú, com a vinda de uma dupla de repórteres que trabalhavam como “freelancers” para diversas revistas do Brasil, em 1998, cuja função era coletar registros sobre destinos do Estado da Bahia que tinham potencial turístico, mas que não eram divulgados no país. Foi justamente por esse motivo que acabaram chegando a Jacobina. A equipe de repórteres contou com o apoio de algumas pessoas que praticavam atividades de aventura na cidade (que logo depois formaria o Grupo de Rapel e Resgate Aranhas da Chapada), principalmente no que diz respeito à coleta informações sobre a localidade e seus atrativos naturais, com direito ainda a algumas apresentações de rapel e cascading nos principais atrativos naturais da cidade e do distrito de Itaitú.

Depois de seis meses foram divulgadas as informações coletadas em campo pelos repórteres, que surtiu bons efeitos na mídia. Jacobina, desde então, passou a ser mais conhecida no país. Em vista desses acontecimentos, os gestores públicos tanto de esfera municipal quanto estadual passaram a ver o município como uma potencialidade para a prática do turismo,

principalmente o ecológico e de aventura. A prefeitura fundou uma diretoria para tratar de assuntos relacionados ao turismo, criou algumas trilhas, como a Vêu de Noiva (localizada em Itaitú), construiu um Posto de informações turísticas e fez parcerias com a Bahiatursa e com o Ministério do Turismo. Foram implantados alguns projetos que visavam à qualificação de mão-de-obra, com cursos para os funcionários dos meios de hospedagem do município e também cursos de capacitação de monitores de atrativos turísticos (realizados duas vezes, cada um com capacidade para sessenta inscritos).

A partir desses cursos, surgiu a Associação Regional de Monitores de Atrativos Turísticos – ARMAT e o Grupo de Rapel e Resgate Aranhas da Chapada. Este último foi o grande protagonista em diversas reportagens no Brasil inteiro; foi divulgado o turismo de aventura desenvolvido na cidade e no distrito de Itaitú, caracterizado então como um dos melhores lugares para praticar essa atividade, principalmente as caminhadas, o rapel e o cascading, conforme pode ser observado na figura 10.



FIGURA 10: Atividade do Cascading pelas Aranhas da Chapada
Fonte: Silva, 2007.

Dessa forma, percebem-se os primeiros indícios de desenvolvimento do turismo de aventura no município, o que inclui o distrito de Itaitú, conforme pode ser mais bem visualizado a partir do estudo de campo descrito no próximo capítulo, em que estão descritas implementações (obras) realizadas tanto por esferas estaduais e municipais quanto pelo setor privado em prol do desenvolvimento do distrito.

5 RESULTADO E ANÁLISE DO TRABALHO EM CAMPO NO DISTRITO DE ITAITÚ

Nessa seção, apresentam-se os elementos de avaliação do desenvolvimento do turismo de aventura no distrito de Itaitú, cujas informações foram coletadas através de um levantamento acerca de toda infra-estrutura turística do distrito, também da participação dos profissionais do turismo da localidade e dos moradores de Itaitú, buscando assim ter conhecimento da percepção que estes têm sobre o turismo explorado na localidade. Para esse exercício, foi realizada aplicação de formulários com os moradores e entrevistas com os profissionais do turismo. Aliado a isto, há uma observação de campo, além da coleta de informações e dados da Bahiatursa e do Ministério do Turismo.

5.1 LEVANTAMENTO E AVALIAÇÃO DOS ELEMENTOS TURÍSTICO DE ITAITÚ

Para cumprimento das informações coletadas, este levantamento turístico baseou-se no Inventário da Oferta Turística, do Ministério do Turismo (BRASIL, 2005), que pode ser entendido como “o resultado do levantamento, da identificação e do registro dos atrativos, dos serviços e dos equipamentos turísticos e da infra-estrutura de apoio ao segmento”. De acordo com Salles (2003 apud TEXEIRA, 2008) o inventário ou levantamento turístico “fornece amplo conhecimento daquilo que já existe, assim como propicia subsídios para avaliações futuras da localidade devido a riqueza dos detalhes e informações nele contidos”. Foram utilizadas também informações do Relatório Preliminar sobre o Parque das Cachoeiras de Itaitú-Jacobina, e a observação de campo realizada pelo pesquisador/avaliador.

5.1.1 Infra-estrutura básica

A infra-estrutura básica de uma localidade é composta de subsídios (equipamentos e serviços) que visam a atender às necessidades básicas tanto dos turistas como da população receptora (RUSCHMANN, 2001). São elas:

a) vias de acesso à Itaitú

As vias de acesso à vila de Itaitú podem ser feitas através dos municípios e distritos de:

- Cachoeira Grande, estrada que permite o acesso à localidade com dificuldade, por se tratar de uma estrada de cascalho, por isto pouco utilizada;
- Miguel Calmon; via que dista cerca de 30 km, em estrada de cascalho, também pouco utilizada;
- Jacobina, estrada asfaltada até o km 8 da BR 324 sentido a Salvador, com entrada à esquerda na via de cascalho por 17 quilômetros (SILVA, 2007), conforme pode ser visualizado na figura 11. É o acesso mais utilizado e em melhor estado de conservação, recém reformado pela Prefeitura do Município de Jacobina, com o objetivo de melhorar o acesso ao distrito, possibilitando um maior fluxo turístico.



FIGURA 11 - Acesso ao distrito de Itaitú por Jacobina.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Diante dessas informações, percebe-se que Itaitú conta com algo primordial para o desenvolvimento de qualquer atividade turística: vias de acesso em bom estado de conservação. Mesmo esse dado não abrangendo a todas as estradas de ingresso ao distrito, a sua principal via encontra-se em ótimas condições de uso, o que favorece a um maior conforto para os turistas e residentes do distrito, acarretando, assim, um maior fluxo de pessoas com destino à localidade.

b) meios de transporte

Itaitú pode ser acessado apenas por transporte terrestre; geralmente feito por carro próprio ou pela empresa privada de ônibus Aila Transportes. Essa empresa disponibiliza ônibus todos os dias, inclusive nos finais de semana, com trajeto sempre ligado à sede do município. Durante a semana, o ônibus segue os seguintes horários e roteiros: às 05:00h, 06:00 h e 12:30h saem de Itaitú destino a Jacobina, às 06:00h, 11:30h e 15:00h saem de Jacobina destino a Itaitú. Nos finais de semana, há uma linha extra de volta a Jacobina às 15:30h. Não foram identificadas, na localidade, nem locadoras de veículos nem transportes de táxi ou ônibus circular. Dessa forma, mesmo dispondo de transporte coletivo de acesso ao distrito todos os dias, estes ainda são considerados insuficientes, vez que as opções disponibilizam poucos horários e destinos. Outra carência da localidade é a dificuldade encontrada pelo turista em encontrar transporte adequado que dê acesso aos atrativos, o que acaba, de certa forma, dificultando a visitação à localidade.

c) abastecimento de água

Praticamente toda área do distrito não é abastecida por água potável tratada pela Empresa Baiana de Água e Esgoto (EMBASA), mas era interesse da gestão pública esta implantação ainda não concretizada devido à resistência da população local que, na sua grande maioria, é contra a obra. Isto ocorre porque antes os moradores recebiam esse serviço de forma gratuita; por isso se recusam a pagar pelo abastecimento. A maior parte das casas do distrito recebe água encanada captada da nascente da cachoeira Véu de Noiva, sem tratamento, e que foi distribuída para as residências dos moradores através de mutirão e ajuda política. Outras fazendas particulares, um pouco mais afastadas da vila, utilizam água encanada advinda de outras cachoeiras que estão nas suas propriedades, como pode-se observar a figura 12 que mostra a conduta de água da cachoeira Arapongas.



FIGURA 12: Tabulação que leva água captada na cachoeira Arapongas
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

O cuidado com a água é um dos elementos que garante a integridade física dos indivíduos, sejam eles turistas ou residentes. Logo, a implantação do tratamento de água é algo essencial para qualquer localidade, principalmente para aquelas que têm pretensão de se tornar um destino turístico, como Itaitú. Isto já deveria ter sido providenciado para o distrito, evidenciando para a população os benefícios da água.

d) tratamento de esgoto

Foi levantado junto a Prefeitura de Jacobina e a população de Itaitú que o distrito utiliza unidades de tratamento primário de esgoto doméstico; a maioria dos dejetos é destinada a fossas sépticas. Esse meio de tratamento é o mais apropriado para o distrito por ser o mais barato e acessível à população local e por não trazer tantos prejuízos à natureza, favorecendo a implantação do turismo, na localidade. Contudo, seria interessante que este mesmo mecanismo abrangesse mais residências do distrito, evitando que dejetos ficassem expostos a céu aberto.

e) educação

Verificou-se que Itaitú conta com apenas uma escola que leciona até o ensino fundamental, denominada Escola Municipal Pedro José da Silva (nome em homenagem ao

político mais velho da localidade) (ver figura 13). Os habitantes que desejam fazer o ensino médio ou superior recorrem à sede do município, se deslocando diariamente em transporte gratuito cedido pela prefeitura da cidade.



FIGURA 13: Escola Municipal Pedro José da Silva - Itaitú
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

f) sanitários públicos

Não foram identificados sanitários públicos, restando ao visitante a utilização, caso necessário, dos sanitários das residências ou dos empreendimentos turísticos da localidade. O distrito deveria dispor de sanitários públicos como uma forma de garantir um maior conforto ao turista e como alternativa de evitar que possíveis dejetos venham contaminar o solo e as águas onde se localizam os atrativos turísticos.

g) limpeza pública

A limpeza pública é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Jacobina, ficando a encargo de seus funcionários realizá-la, nas ruas, recolhendo os lixos das residências. Esse trabalho é feito em três dias na semana (segunda, quarta e sexta), sendo jogado grande parte deste

lixo em céu aberto num terreno baldio, próximo à localidade, como pode ser visto na figura 14. O distrito de Itaitú não disponibiliza de serviço de coleta seletiva.

Apesar disso, o distrito é considerado “limpo”. O lixo coletado não armazenado da maneira correta, levando a possíveis contaminações do meio ambiente e à proliferação de doenças, principalmente porque o terreno se encontra próximo à vila.



FIGURA 14: Terreno baldio onde é jogado o lixo coletado em Itaitú
Fonte: Silva, 2007.

h) energia elétrica

Referente à distribuição de energia elétrica, esta ocorre na maior parte do distrito, principalmente na vila, pelos serviços da Companhia de Energia Elétrica da Bahia – COELBA. Nesse item, pode-se dizer que o serviço é suficiente para o distrito, por abranger boa parte das residências, ruas e comércios turísticos.

i) saúde

Com relação à saúde pública, Itaitú dispõe de um posto de saúde, que conta com a presença de uma técnica em enfermagem e visita médica apenas algumas vezes por mês. Quando necessário algum atendimento fora desses dias, os moradores recorrem à sede do município.

Dessa forma, verifica-se a fragilidade do distrito, considerando-se que este quesito é de suma importância para o desenvolvimento do turismo de aventura, uma vez que esta atividade supõe riscos e imprevistos. A necessidade de um posto de saúde que funcione pelo menos em horário comercial é relevante para a localidade. Outro ponto a ser trabalhado é a inserção de mais profissionais da área de saúde que prestem assistência a comunidade todos os dias. Há uma necessidade e precisão de se ter uma ambulância a disposição do posto, para locomoção do paciente em casos mais graves, e a disponibilidade de remédios básicos gratuitos para a população, já que a localidade não conta com uma farmácia.

j) telefonia

Em Itaitú, não há área coberta para telefonia celular, mas o distrito conta com alguns telefones fixos localizados em algumas residências e empreendimentos da vila e possui dois telefones públicos, localizados na praça da Matriz e outro na rua da escola municipal. Assim, é fácil concluir que é imprescindível a ampliação da rede de telefonia pública no distrito, uma vez que apenas dois aparelhos não atendem a demanda, principalmente a turística.

l) segurança

Um dos itens mais importantes na atualidade diz respeito à segurança. Itaitú conta um Posto de Delegacia, que pode ser visto na figura 15, composto de toda a infra-estrutura básica necessária para funcionar (beliches, cela e outros), mas infelizmente não está ativado pela Polícia Militar de Jacobina. Quando surge alguma ocorrência, os moradores costumam ir às delegacias de Jacobina ou fazer denúncias por telefone. Pelo fato da localidade ser um ponto turístico, é viável a construção de um suporte policial eficaz. Embora apresente baixos índices de criminalidade, a região necessita de segurança para garantir o bem-estar da população e dos futuros visitantes.



FIGURA 15: Posto de Delegacia de Itaitú
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

4.2 Infra-estrutura Turística

A infra-estrutura turística de uma localidade é composta de todos os serviços oferecidos e equipamentos instalados para o atendimento dos desejos e das necessidades dos turistas (RUSHMANN, 2001). A seguir estão descritos todos os elementos existentes acerca da infra-estrutura turística do distrito de Itaitú.

a) bares

Itaitú conta com uma diversidade de bares que se assemelham pelos produtos oferecidos, mas que se diferenciam pela qualidade dos espaços e dos serviços disponibilizados ao público. De uma forma geral, esses estabelecimentos possuem características bem simples e peculiares, típicos da região, mas que na sua maioria necessitam de aperfeiçoamento na infra-estrutura, visto que alguns contam com instalações precárias. Os bares existentes no distrito são:

- Bar Ipiranga – localizado na Rua do Prédio, S/N. Local com capacidade para quinze pessoas sentadas e várias em pé, dispendo de sanitários, música ambiente e mecânica. O estabelecimento comercializa bebidas alcoólicas e não alcoólicas e funciona somente nos finais de semana das 07:00h as 23:30h.

- Bar Wideal (ver figura 16)– localizado na Praça da Matriz, S/N. Ambiente beneficiado com decoração única, evidenciando o potencial turístico do distrito. É caracterizado por ser um dos maiores do distrito (com capacidade para quarenta pessoas sentadas e várias em pé) sendo o mais visitado empreendimentos de Itaitú, dispondo de sanitários, música ambiente e mecânica. O local comercializa bebidas alcoólicas e não alcoólicas e funciona todos os dias, incluindo finais de semana.



FIGURA 16: Bar Wideal
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

- Bar do Guilherme – localizado na Rua do Prédio, S/N. É um local de característica simples, que possui capacidade apenas para dez pessoas sentadas. Dispõe de sanitários, música ambiente e mecânica (comercializa bebidas alcoólicas e não alcoólicas) com funcionamento somente nos finais de semana.
- Freitas Bar - Estabelecimento com capacidade para vinte pessoas sentadas e várias em pé. Dispõe de sanitários e música mecânica (comercializa bebidas alcoólicas e não alcoólicas) com funcionamento diário.
- Pilequinhos Bar – É um estabelecimento de ambiente também simples, porém aconchegante, com capacidade para vinte pessoas sentadas e várias em pé, dispõe de sanitários, música ambiente e mecânica (comercializa bebidas alcoólicas e não alcoólicas) funcionando somente nos finais de semana das 08:00h às 23:00h.

b) meios de hospedagem e de alimentação

O distrito possui alguns meios de hospedagem, como pousadas (que também funcionam como restaurantes), camping e casas de aluguel para temporadas. Essas acomodações são, na sua grande maioria, simples, de estadia de baixo custo, que oferecem um clima bem cordial e um serviço bem personalizado, valorizando a cultura do local, principalmente no que diz respeito ao uso de um cardápio bastante típico da localidade. No entanto, percebe-se a necessidade de uma ampliada infra-estrutura nos estabelecimentos existentes para atender aos turistas. Além disso, há uma notória precisão de investimentos da área hoteleira e de alimentos e bebidas. Sobre este último, a urgência é ainda maior, já que foram detectados poucos estabelecimentos. Na maioria das vezes, alguns restaurantes só sevem alimentos em determinados horários por encomenda, mediante aviso prévio. A seguir estão descritos todos os meios de hospedagem e de alimentação do distrito.

- Pousada e Restaurante da Elaine (vide figura 17)– localizada na Rua do Tamarindo, S/N. Ambiente que dispõe de quinze leitos, fornece bebidas alcoólicas e não alcoólicas, café da manhã, almoço e jantar Funcionamento: todos os dias, com diárias que variam de R\$ 10 a R\$ 20.



FIGURA 17: Pousada da Elaine
Fonte: Silva, 2007.

- Pousada Wideal (pode ser vista na figura 18)- localizada na Rua do Tamarindo, S/N. Ambiente que funciona como pousada e também como estabelecimento de aluguel de

temporada. Possui quatro quartos, com seis leitos e funciona todos os dias, incluindo finais de semana. Diárias de R\$ 15.



FIGURA 18: Pousada Wideal em Itaitú
Fonte: Silva, 2007.

- Pousada e Restaurante Serra Azul (vide figura 19)- localizada na Fazenda Serra Azul, a 7 Km da vila. Estabelecimento que possui dois compartimentos: o principal e o anexo. O principal conta com dois quartos, dispendo de oito leitos, o outro tido como anexo do primeiro possui três quartos, seis leitos e três sanitários. Além da hospedagem, o local fornece bebidas alcoólicas e não alcoólicas, café da manhã, almoço e jantar, funcionando todos os dias, incluindo finais de semana. Diárias que variam de R\$ 10 a R\$ 15.



FIGURA 19: Pousada Serra Azul em Itaitú
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

- Pousada e Restaurante Marinalva - localizada na Praça Central, S/N. Estabelecimento dispendo de três quartos e dez leitos. Além da hospedagem, fornece bebidas alcoólicas e não alcoólicas, café da manhã, almoço e jantar. Funcionamento: todos os dias, incluindo finais de semana. Possui diárias que variam de R\$ 10 a R\$ 15.

c) placas indicativas / educativas

A sinalização Básica do Distrito de Itaitú compreende apenas a indicação de ruas e algumas placas educativas apenas na trilha que leva a cachoeira Véu de Noiva (ver figura 20). Esta sinalização pode ser considerada insuficiente, visto que é notória a necessidade de implantação de placas informem os atrativos turísticos de forma clara e objetiva aos turistas e visitantes.



FIGURA 20 – Placa de conscientização ambiental na trilha Véu de Noiva

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

d) agência de viagem

Não foram identificadas agências de viagens no distrito. Para usufruir deste serviço, recorre-se a sede do município. Este é um ponto importante para que uma localidade se desenvolva turisticamente; talvez a implantação de uma agência de viagem em Itaitú não seja de suma necessidade, mas com certeza um maior investimento em agências que vendam e façam

propagandas do destino sejam cruciais para o desenvolvimento do turismo na localidade, já que estas podem aumentar o fluxo turístico no distrito, tornando-o mais conhecido.

e) limpeza das trilhas

Em pesquisa de campo foi detectado que não existe ninguém responsável pela limpeza das trilhas e dos atrativos turísticos. Esta é feita informalmente pelos moradores do distrito, pelos monitores turísticos e por alguns grupos do município, como o Grupo Ecológico Serra Verde e o Grupo Flores. A única trilha que possui manutenção com regularidade é a trilha Véu de Noiva, em que é cobrada uma taxa opcional para os visitantes para por membros da Associação de Moradores do distrito. O cuidado com os atrativos, o que inclui a limpeza das trilhas, é algo necessário para preservação da região, e deveria ser realizada no distrito regularmente, não apenas pelos órgãos municipais, como também pelos proprietários e moradores.

f) posto de informações turísticas

Itaitú não possui postos de informações turísticas. Há apenas um local na sede do município (vide figura 21), mantido pela prefeitura, cuja função é fornecer informações, mapas e folhetos sobre a cidade, o distrito de Itaitú e seus atrativos turísticos. A responsabilidade de indicar os caminhos e trilhas aos turistas cabe a alguns monitores cadastrados que auxiliam nos passeios e coletam informações sobre estes visitantes como forma de avaliar o fluxo turístico na localidade.

Durante a pesquisa em campo, verificou-se a necessidade de atualizações atualização dos folhetos que são distribuídos nos postos que visam a divulgação dos atrativos turísticos da região. Na maioria dos folhetos, as informações sobre a cidade estão defasadas e em quantidades insuficientes para a distribuição.



FIGURA 21: Posto de Informações Turísticas de Jacobina
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

g) mão-de-obra para o turismo

O distrito de Itaitú conta com a colaboração de 23 monitores de atrativos turísticos, dos quais dez pertencem a Associação Regional de Monitores de Atrativos Turísticos - ARMAT (com sede em Jacobina), também com oito monitores, quatro de Jacobina e quatro de Itaitú (residentes na localidade) que são indicados pelo Posto de Informações Turísticas da cidade, além de contar com cinco monitores do Grupo de Rapel e Resgate Aranhas da Chapada. A função desses monitores não é apenas guiar os visitantes, como também trabalhar com o turismo de aventura, auxiliando e dando cursos de treinamento para a prática de diversas modalidades do segmento, com destaque para o rapel, conforme pode ser visto na figura 22.

Ao entrevistar os monitores, notaram-se a competência e a seriedade, atributos com os quais eles conduzem os trabalhos, garantindo a segurança aos turistas que os procuram. A maior parte desses condutores possui certificações, cursos e alguns treinamentos específicos na área, como curso de monitor de atrativos turísticos pela Bahiatura e cursos de salvamento e resgate. Sobre o Grupo Aranhas da Chapada, foi percebida a aptidão desses profissionais para lidar com as ações de aventura, utilizando em suas práticas, equipamentos adequados e certificados, como recursos de orientação, material de primeiros socorros, instrumentos específicos para cada prática de aventura em quantidades suficientes para o grupo e outros.

Na visão dos profissionais, o turismo desenvolvido em Itaitú ainda não é satisfatório, mas consideram-no muito promissor. Segundo eles, o que falta são maiores investimentos no

segmento e no distrito, principalmente no que diz respeito à infra-estrutura e divulgação da localidade.



FIGURA 22: Treinamento para a prática do rapel pelos Aranhas da Chapada
Fonte: Silva, 2006.

5.1.3 Atrativos turísticos que possibilitam a prática do turismo de aventura

Segundo Cerro (1992 apud RUSCHMANN, 2001), os atrativos turísticos podem ser definidos como “todo elemento material que tem capacidade própria, ou em combinação com outros, para atrair visitantes de uma determinada localidade ou zona”.

Nesses elementos incluem-se tanto os atrativos que já estão sendo utilizados para a atividade turística e que contam com uma infra-estrutura e equipamentos para o atendimento dos turistas, quanto aqueles tidos como atrativos em potencial, que por algum motivo ainda não foram inseridos no mercado turístico (RUSCHMANN, 2001).

O distrito de Itaitú conta com diversos recursos naturais, culturais e históricos de interesses relevantes e são, em sua grande maioria, aproveitados e explorados pela atividade turística. Neste estudo, restringimos o levantamento turístico apenas para os atrativos que possibilitam a prática de esportes radicais e atividades físicas aliadas aos desafios, característicos do turismo de aventura.

Na pesquisa de campo, foram detectados que a maioria dos atrativos os quais propiciam a prática do turismo de aventura é proveniente da natureza, tais como as cachoeiras que totalizam 21, espalhadas em meio a trilhas, poços, cânions, desfiladeiros e mirantes propícios

para a contemplação do ambiente, como também para a prática de rapel, cascading e das cavalgadas. É importante destacar que além dessas atividades já desenvolvidas, o distrito possui outras consideradas de potencialidade, mas que ainda não são exploradas, como o alpinismo (escalada em rochas), as atividades ciclísticas, as atividades fora-de-estrada e outros. (BAHIA, 1999).

A seguir estão descritos os atrativos turísticos e modalidades que são explorados para a prática do turismo de aventura no distrito de Itaitú.

a) rapel/cascading

Esta é caracterizada como a principal atividade de aventura realizada no distrito e também a que mais atrai turistas. O esporte consiste na descida do indivíduo por uma corda em paredões ou ainda em cachoeiras (BRASIL, 2006). É uma atividade que requer segurança total, para que não ocorram imprevistos, sendo aconselhável sua prática por pessoas treinadas, que sabem lidar com o esporte. Essa aventura é realizada por grupos ou pessoas isoladas que vem ao distrito justamente para usufruir do esporte. O acompanhamento dessas pessoas acontece geralmente, no distrito, pelo grupo de Rapel e Resgate Aranhas da Chapada.

O Rapel/Cascading é realizado nos seguintes atrativos:

- Cachoeira Vêu de Noiva (ver figura 23)-Atrativo mais conhecido e visitado do distrito, com acesso fácil, localizado a dois quilômetros da vila de Itaitú. Sua trilha possui algumas placas de orientação e sinalização, além de também corrimãos de apoio nas descidas e estacionamento na sua entrada (BAHIA, 1999). Para seu acesso é cobrada uma taxa para limpeza do atrativo de apenas R\$ 1 por pessoa e R\$ 2 de estacionamento por carro. A cachoeira possui diversas quedas, tendo uma principal com altura de 60 metros, onde se pratica o cascading (ver figuras 24 e 25) e um poço bom para banho. As montanhas ao seu redor são muito altas e o sol só penetra no ambiente entre 11:0h e 14:0h (BAHIA, 1999). Sobre esse atrativo pode-se dizer que ainda se encontra em bom estado de conservação, mas que precisa de maiores cuidados, visto que a sua visitação é considerada excessiva nos finais de semana e feriados, causando a degradação do espaço, que, infelizmente, não possui uma fiscalização e limpeza adequadas.



FIGURA 23: Cachoeira Veu de Noiva em Itaitú.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.



FIGURA 24: Cascading na Cachoeira Veu de Noiva
Fonte: Silva, 2005.



FIGURA 25: Cascading na cachoeira Veu de Noiva
pelos Aranhas da Chapada
Fonte: Silva, 2005.

- Cachoeira Piancó (ver figura 26) – Cachoeira de visual cênico e acesso médio, com trilha plana de 20 a 25 minutos de caminhada, localizada a quatro quilômetros da vila. É um atrativo de acesso gratuito, formado por 3 poços bom para banho e uma queda d'água de 40 metros de altura, excelente para a prática do cascading. Embora muito visitado, esse atrativo não possui placas indicativas e educativas que orientem os turistas, nem pessoas responsáveis pela limpeza da sua trilha e de seu atrativo, como já citado.



FIGURA 26: Cachoeira do Piancó
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

b) cavalgadas (atividades eqüestres)

As cavalgadas são caracterizadas por serem atividades realizadas em vias convencionais e não convencionais em montarias (BAHIA, 2006). Este é um esporte que se iniciou recentemente no distrito de Itaitú, mas que já atrai uma quantidade considerável de turistas que visitam o local para praticar o esporte e admirar os atrativos locais.

Em Itaitú, são realizados três eventos de cavalgadas: Cavalcada do Luar, que ocorre no mês de outubro, a Cavalcada dos homens no dia 11 de dezembro e a cavalcada da mulher (vide figura 27) que ocorreu pela primeira vez no mês de novembro de 2009. Todos esses eventos realizam o mesmo trajeto, com saída às 09:0h, na praça da matriz que fica na vila de Itaitú, seguindo pelo caminho que dá acesso a cachoeira Piancó, indo em direção à fazenda do Gilson,

onde ocorre churrasco e almoço. Logo após, segue-se para Cachoeira Grande, retornando a Itaitú, com chegada prevista para às 17:00h.

Este é um dos eventos promissores da localidade que ainda está em fase de desenvolvimento e adaptação. Sobre essa atividade, observa-se a necessidade de se incorporar trilhas mais bem definidas, como forma de minimizar impactos ambientais, além da precisão de maior divulgação da atividade, e organização desta, visto que deveria haver uma maior preocupação com a segurança dos praticantes, utilizando o acompanhamento de condutores especializados e capacitados nos eventos para guiar e conduzir os visitantes.

Assim, torna-se necessário pensar essa atividade não apenas como um evento, mas como uma prática de aventura, adicionando adrenalina a esta.



FIGURA 27: Cavalgada das Mulheres em Itaitú.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

5.2 A PERCEPÇÃO DO TURISMO PELOS MORADORES

Para avaliar a percepção dos moradores com relação ao turismo praticado em Itaitú, tem-se que verificar, primeiramente, o total da população residente no distrito. De acordo com o IBGE (2007), o total de habitantes é de 800 pessoas. Fazendo uso de uma amostra probabilística conglomerada, foram aplicados 40 formulários com os residentes do distrito, distribuídos entre a sede e demais localidades, a exemplo de algumas fazendas vizinhas pertencentes à localidade, no período de novembro de 2009, em dias de semana e em momentos diversos.

Foram coletadas informações complementares ao trabalho, derivados da realização de entrevista com um dos representantes da associação de moradores de Itaitú.

A pesquisa foi realizada sem maiores problemas, pois a maioria das pessoas abordadas sentiu-se disposta a não apenas responder o formulário e/ou entrevista, como também a conversar informalmente com o avaliador (que, neste caso, foi o próprio pesquisador). Este último buscou interagir com os entrevistados, estendendo a conversação se a pessoa abordada assim desejasse.

Para essa pesquisa, foi considerada uma faixa etária a partir de 18 anos, considerando que nesse patamar o indivíduo já possui condições de responder as perguntas de forma mais consciente talvez por já ter vivenciado algumas experiências mencionadas na pesquisa ou simplesmente por já possuir conhecimento sobre o que está sendo discutido.

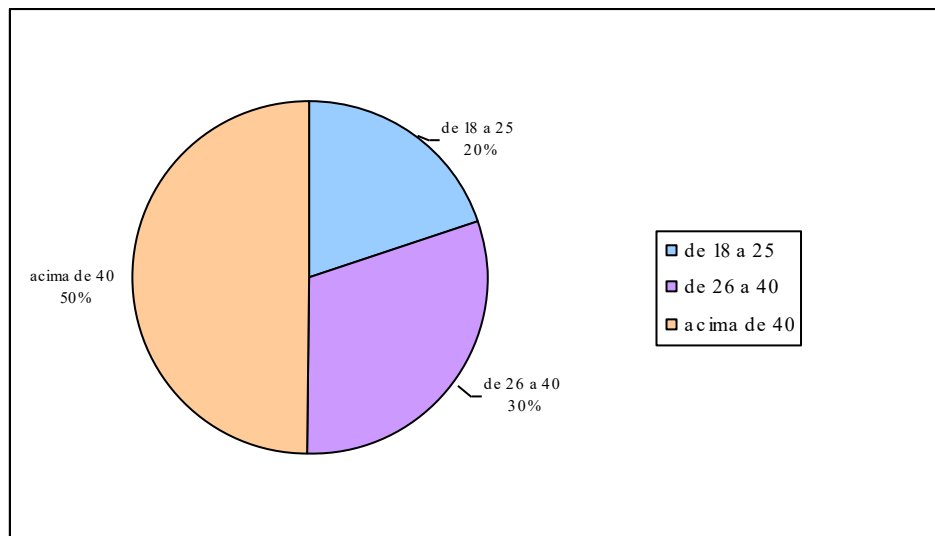


GRÁFICO 01: Faixa etária da amostra da população de Itaitú.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Desse resultado, notou-se que a maior parte da população se encontra na faixa acima de 40 anos (ver gráfico 01), sendo caracterizados como indivíduos que possuem um vínculo maior com a localidade. O reduzido número de jovens deriva principalmente por falta de oportunidades de trabalho e de estudos, o que facilita a saída destes para outras regiões.

Percebe-se que a maioria da população é natural do próprio distrito, possuindo um extenso tempo de moradia no local, o que corresponde a idade dos entrevistados. Os restantes dos

residentes vieram de Jacobina e de cidades vizinhas, como Palmeirinha, Várzea Nova, Alto Alegre, Saúde e outros. (ver gráfico 02).

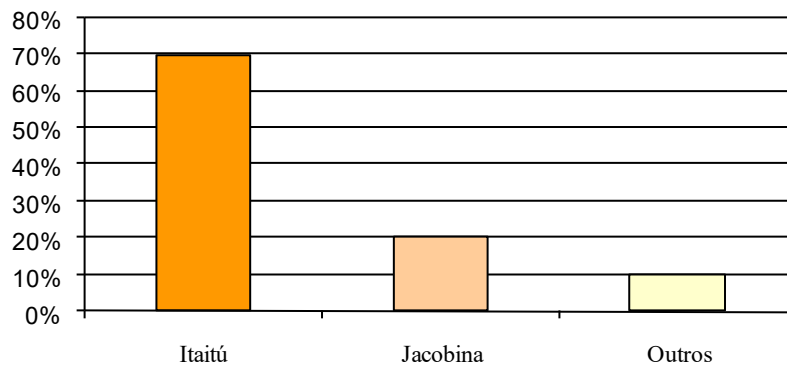


GRÁFICO 02: Naturalidade da amostra da população de Itaitú.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Verificou-se também que a maior parte da população é composta pelo sexo feminino, o equivalente a 70% dos entrevistados, mais do que o dobro ao gênero oposto, com predominância de pessoas solteiras, seguido de casados e viúvos.

Itaitú possui uma população classificada como simples e carente, em alguns aspectos. Tem como principal fonte de renda a agropecuária, já que o distrito conta com uma considerável extensão territorial, a qual é muito utilizada para o plantio e para a criação de animais. O turismo, como pode ser verificado no gráfico 03, inclui o setor do comércio e de serviços relacionados à área; apresenta-se como a segunda atividade mais desenvolvida na localidade, só não possuindo maior destaque devido à falta de incentivo governamental a novos empreendimentos turístico e também ao auxílio e cuidado com atrativos da localidade, o que acaba por desestimular a comunidade e o próprio desenvolvimento da atividade.

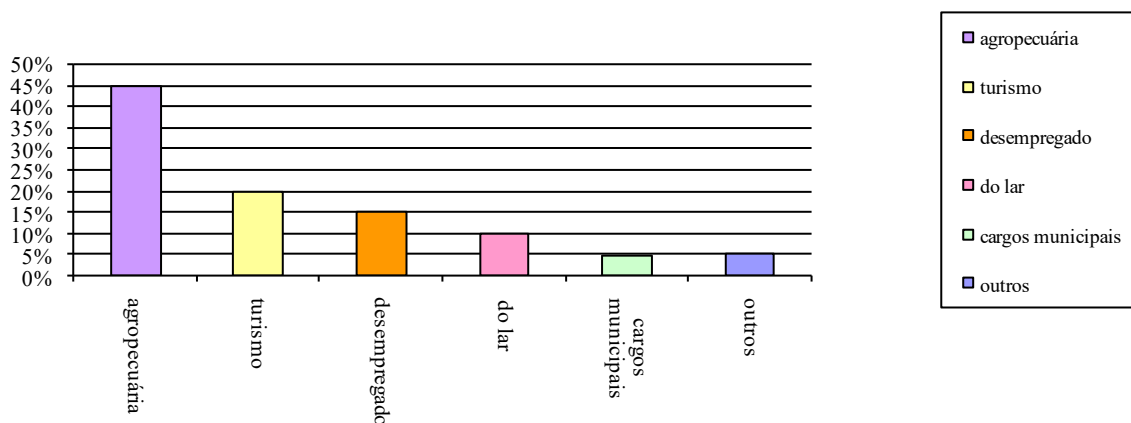


GRÁFICO 03: Ocupações da amostra da população de Itaitú.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

No que tange a escolaridade dos moradores (vide gráfico 04), verifica-se que estes se encontram na faixa da média nacional, com expressivo predomínio do ensino fundamental, com destaque também para a taxa de pessoas sem instrução. O baixo índice de residentes que cursam ou cursaram o nível médio ocorre principalmente porque o distrito conta com apenas uma escola municipal, que leciona até o último ano do fundamental. Os que buscam por conclusão do ensino têm que recorrer à sede de Jacobina, que possui diversas opções de colégios, mas que nem todos os moradores têm disponibilidade para ir e vir todos os dias, o que acarreta a desistência de conclusão dos estudos.

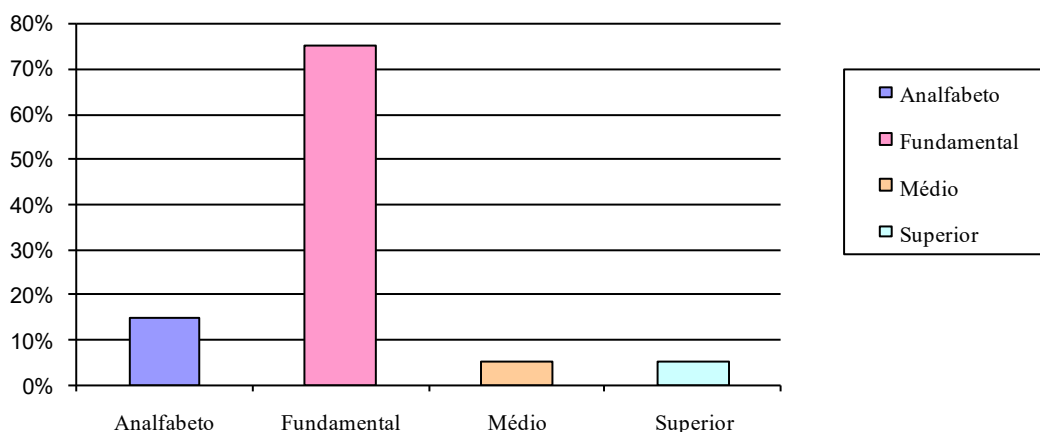


GRÁFICO 04: Escolaridade da amostra da população de Itaitú.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

As baixas taxas de instrução dos moradores talvez expliquem a falta de interesse da população em participar de associações, como a Associação de Moradores presente no distrito, e do desinteresse e ausência em reuniões e/ou palestras para discutir a localidade e o cuidado com seus atrativos turísticos, como visto nos gráficos 05 e 06.

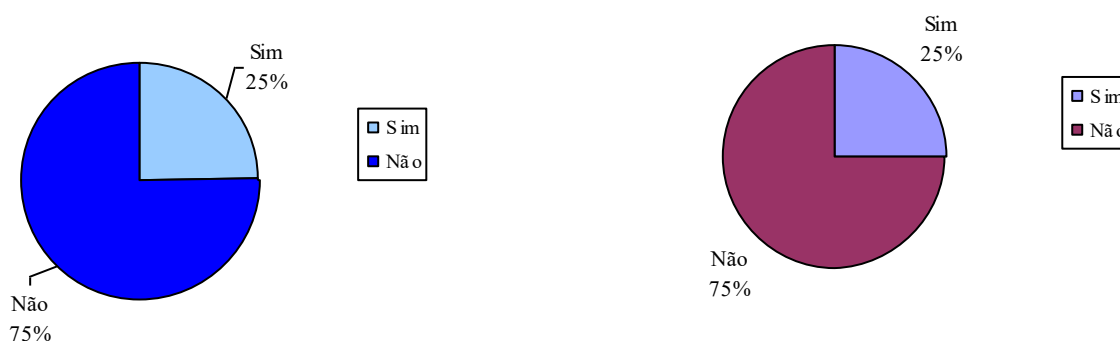


GRÁFICO 05: Participação da população em projetos.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

GRÁFICO 06: Participação da população em reuniões sobre os atrativos turísticos.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Os atrativos naturais são vistos pela população do distrito como o fator que mais atrai os turistas, conforme gráfico 07, seguido dos atrativos histórico-culturais. Estes dados também coincidem com os atrativos mais visitados pelos moradores, que não só apreciam os atrativos como também os visitam com frequência. Nota-se assim que a população costuma visitar os mesmos atrativos preferidos pelos turistas, não havendo, portanto segregação entre os dois públicos.

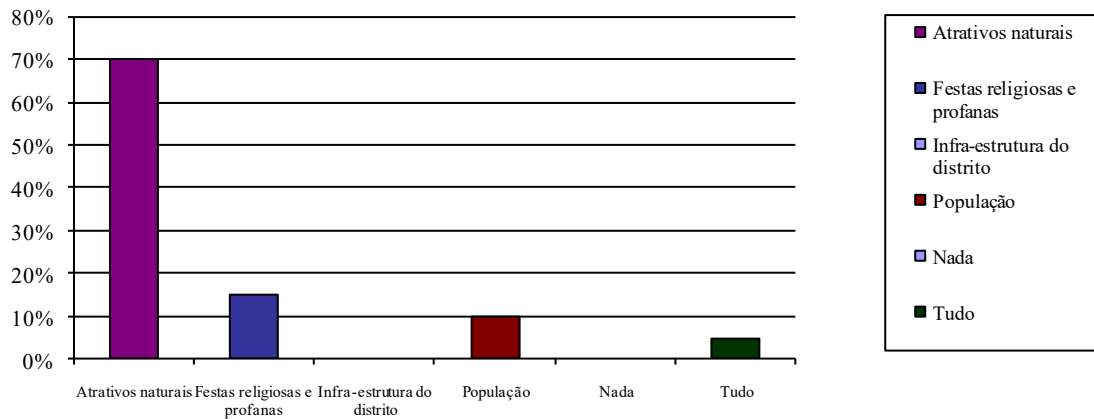


GRÁFICO 07: Pontos positivos de Itaitú.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

No que se refere à infra-estrutura básica, este é o componente de maior destaque quando se trata dos problemas encontrados no distrito, evidenciado no gráfico 08. Dentre estes, os moradores reclamam mais do saneamento, que ainda não chegou para todos. Destacam também a saúde, principalmente pela irregularidade de assistência médica, e a questão do abastecimento de água no distrito, o qual se tem tentado implantar o fornecimento de água tratada paga pelo governo, mas que nem todos os residentes aceitaram a mudança.

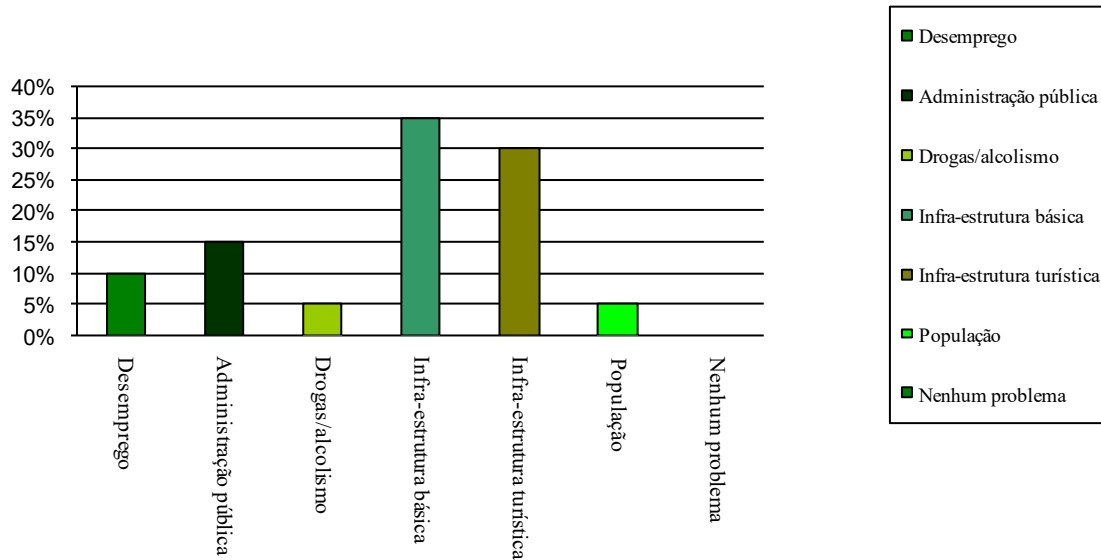


GRÁFICO 08: Problemas de Itaitú.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Como percebido no gráfico 09, a população apresenta uma visão positiva sobre o turismo. Isto ocorre porque os moradores acreditam que a atividade, mesmo não sendo a principal desenvolvida no lugarejo, gera renda e empregos. Estes acreditam na expansão do turismo, se houver investimento, principalmente no segmento do turismo de aventura, que segundo eles, é o grande promissor juntamente com o turismo ecológico. Por outro lado, alguns residentes salientam que a atividade também pode acarretar prejuízos, visto que esta ocorre, muitas vezes, sem planejamento e fiscalização. A principal reclamação da população diz respeito à falta de consciência ambiental dos turistas, que, normalmente, vem ao distrito e causam danos aos atrativos, principalmente aos naturais, deixando sujeira por onde passam.

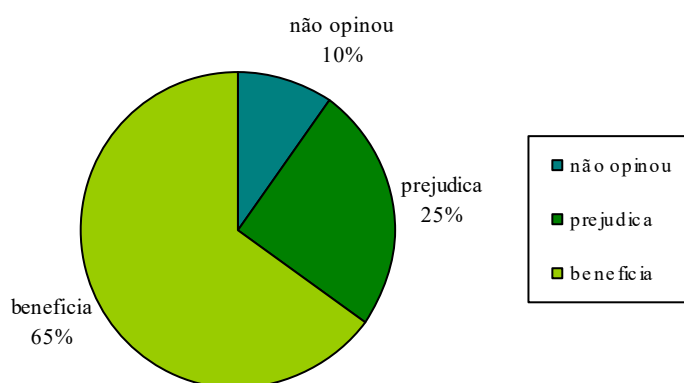


GRÁFICO 09: Visão sobre o turismo.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

CONCLUSÃO

Como observado nesta pesquisa, a atividade turística, principalmente a de aventura, deve ocorrer em uma localidade de forma planejada, apoiando-se nos três pilares essenciais para o desenvolvimento adequado da atividade, sendo estes: o setor público e privado, juntamente com a inserção da comunidade local. O planejamento turístico deve então ser um processo de estímulo, a fim de que estes agentes envolvidos reconheçam a importância e a dimensão do turismo, dessa forma, para que a atividade venha gerar benefícios econômicos ao local e, conseqüentemente, a não degradação dos atrativos.

Com relação ao distrito de Itaitú, constatou-se a real viabilidade de desenvolvimento da atividade turística na localidade, devido, principalmente, às características geomorfológicas e ambientais que o local possui. Entretanto, percebeu-se também que apesar desta viabilidade o local se encontra ainda em fase inicial de desenvolvimento, visto que o distrito possui uma infraestrutura tanto turística quanto básica insatisfatória, se comparado ao “modelo ideal” recomendado pelo Ministério do Turismo do Brasil, e se confrontada às localidades que já desenvolvem esta atividade e que são tidas como referências, como é o caso de Nova Zelândia, Costa Rica e algumas cidades brasileiras já citadas neste trabalho.

Por meio dos resultados obtidos na pesquisa de campo, ficou claro que o poder público, principalmente o municipal, acredita no potencial turístico do distrito de Itaitú. Todavia, estes ainda investem muito pouco no desenvolvimento dessa atividade no local. Por conta disto, torna-se necessário uma participação mais efetiva desses gestores de modo a possibilitar condições favoráveis para o turista, para a população local, assim como para os proprietários dos atrativos turísticos e para a iniciativa privada, como forma de garantir o desenvolvimento de uma atividade turística planejada e, conseqüentemente, de qualidade.

Em vista do exposto, é notável a necessidade de maiores investimentos da gestão pública em: programas de subsídios que possibilitem uma maior participação da iniciativa privada no distrito; infra-estrutura básica, principalmente para os setores de educação, saúde e segurança, assim como a precisão de uma maior fiscalização das atividades realizadas pelos profissionais que trabalham com o exercício do turismo de aventura, como forma de prevenir imprevistos e acidentes, além do maior cuidado com as trilhas e com os atrativos naturais da localidade, disponibilizando a limpeza periódica destes e uma sinalização adequada.

Sendo assim, para o exercício adequado da atividade é necessário um maior envolvimento da comunidade local e também dos proprietários dos atrativos turísticos, de forma que estes se estimulem a investir na atividade e também na preservação dos atrativos. Isto poderá ser feito mediante programas específicos, como cursos presenciais ou à distancia sobre assuntos como: educação e planejamento ambiental, sustentabilidade e turismo, também a promoção de cursos de instruções de recepção ao visitante e de capacitação e qualificação de profissionais da área. É necessário também um maior apoio por meio da gestão pública aos grupos de guias e condutores já existentes tanto no distrito de Itaitú, quanto no município de Jacobina de forma geral, além da precisão de incentivo à formação de cooperativas na localidade, como de artesanato, como forma de gerar renda à localidade e também de divulgar os atrativos, podendo isto ser feito mediante facilidades do Banco do Nordeste, por exemplo.

Apesar de tantos problemas, o distrito de Itaitú, como foi apresentado no decorrer do trabalho, é dotado de um relevo, atrativo e apto para a implantação do turismo de aventura. Assim, acredita-se que a localidade, mediante maiores incentivos públicos e privados, pode vir a se tornar um destino estruturado e de qualidade, propícia ao desenvolvimento do turismo de aventura.

REFERÊNCIAS

ÁGUIDA, Maria da Velga Feitosa. **Projetos turísticos e consultorias**. Alagoas: 2002. Disponível em: <<http://www.projetur.com.br/artigos/planejamento.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2009.

BAHIA. Bahiatursa. **Parque das Cahoeiras Itaitú-Jacobina**. Relatório preliminar. Salvador: Bahiatursa, 1999.

BAHIA: um mundo de esportes e aventuras. Salvador: BAHIATURSA, [199?].

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 8 ed. São Paulo: SENAC, 2003.

BONALD, Olímpio. **Planejamento e organização do turismo**. Recife: EMPETUR, 1978.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Regulamentação, normatização e certificação em turismo de aventura. Relatório diagnóstico**. Brasília: Ministério do Turismo, 2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL. Ministério do turismo. **Turismo de aventura: orientações básicas**. Versão preliminar de circulação estritamente interna. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

CARR, Anna. **Mountain Madness: montanhismo guiado no sul da Nova Zelândia- Alpes**. Dunedin: Universidade de Otago, 2002.

CO2 Soluções ambientais. **Glosário**. Rio de Janeiro: [200?]. Disponível em: <<http://www.co2solucoes.com.br/co2/glossario>>. Acesso em: 29 Jul. 2009.

CRUZ, Gutemberg. Jacobina comemora seus 126 anos mapeando suas expressões culturais, **Diário Oficial**, Salvador, ano XC, n. 19.182, 26 de jul. 2006.

CHAGAS, Tiago. **Os naufrágios da Bahia de Todos os Santos no turismo baiano**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Turismo) - Faculdade da Cidade de Salvador, Salvador, 2009.

DECHANDT, Siegrig. **Ecoturismo e seu desenvolvimento**: um estudo de caso comparado entre Chapada Diamantina-BA e Bonito-MS. Dissertação (Mestrado em administração) - UFBA, Salvador, 2007.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

FERRETTI, Eliane Regina; LOTZ, Érika Gisele. Turismo e meio ambiente: uma relação dialética. **Tuiuti**: Ciência e Cultura, Curitiba, n. 32 e 33, FCSA 04/05, p. 11-32, jul./ago.2002. Disponível em: <<http://www1.utp.br/proppe/edcient/Site%20TCC/FCSA/FCSA%2032-33/PDF/art1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2009.

FARAH, Soraya Diniz. Políticas de incentivo ao turismo de aventura no Brasil. In: UVINHA, Ricardo Ricci (org.). **Turismo de Aventura**: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005 – (Série Turismo), p. 25-42.

FERNÁNDEZ, Cláudia. **Situación Del Turismo Rural em Costa Rica**. In: Seminário Internacional sobre Turismo Rural y su Contribución a la Creación de Empleo y a la Conservación Del Patimonio. Paraguay: [S.n.], 2003.

FONSECA, Marcos Carvalho. **O turismo de Aventura no mundo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE AS NORMAS E CERTIFICAÇÕES DO TURISMO DE AVENTURA NO BRASIL, 2004, São Paulo. Disponível em: <http://hospitalidade/turismo_aventura>. Acesso em: 05 jan. 2010.

GUIANET. **Mapa de acesso à Jacobina. 2007**. 1 figura. Disponível em: <<http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=239&lg=pt>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

GUIANET. **Mapa de acesso à Itaitú. 2000**. 1 figura. Disponível em: <<http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=239&lg=pt>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

GOIDANICH, Karin Leyser; MOLETTA, Vania Florentino. **Turismo Esportivo**. 2 ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2000.

HALL, Charles. **Planejamento turístico: política, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Jacobina-Ba**. [S.l.]: 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 06 dez. 2009.

_____. **Jacobina-Ba: Ensino, matrículas, docentes e rede escolar 2008**. [S.l.]: 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 06 dez. 2009.

INSTITUTO DE HOSPITALIDADE. **Turismo de Aventura**. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.hospitalidade.org.br/atuacao/turismodeaventura>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, Alcione (org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003, p. 75-99.

LEMONS, Doracy Araújo. **Jacobina sua história e sua gente**. Jacobina: Grafimort Indústria Gráfica e Editora Ltda, 1995.

LOBO, Heros Augusto; MORETTI, Edvaldo César. Ecoturismo: As práticas na natureza e a natureza das práticas em Bonito, MS. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 43-71, 2008.

LOMBELLO JÚNIOR, Waldemar. **Análise do potencial para o desenvolvimento de atividades ecoturísticas e do turismo de aventura integrados na região do Pontal do Paranapanema**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Turismo) – UNESP, São Paulo, 2007.

MAGALY, Kárcia. **Vamos saber o que tem de gostoso pra fazer na Vila de Itaitú**. Jacobina: Ispiaki, 2008. Disponível em: <<http://www.ispiaki.com.br/index.php?page=jacobina&jacobina=060>>. Acesso em: 06 out. 2009.

MAGNA, Andréa; et al. Análise dos aspectos físicos de Jacobina. In: AMORIM, Eliã; COUTINHO, Rosilda Valois (org.). **Quem inventou Jacobina? Iniciando a pesquisa na escola básica**. Jacobina: Editora Rabisco, 2005. p. 64-79.

MORA FILHO, Pedro Sérgio Mora. **Turismo de aventura e esportes radicais: conceitos e interdisciplinidade, a passagem do senso comum á atitude científica.** [S.l]: 2003. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=1217>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

OLIVERIRA JÚNIOR, Arnaldo. **Valorização Econômica da função Ambiental de Suporte relacionada às atividades de turismo, Brotas, SP.** Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais)- Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2003.

OLIVERIRA JÚNIOR, Arnaldo. O ecoturismo como fomento a economia de Brotas, SP. In: V Congresso de Ecologia do Brasil. **Anais do V Congresso de Ecologia do Brasil.** Porto Alegre: 2001, p. 410, n. 1510.

PEDROSO, Tharita; OLIVEIRA, Vivane. **Proposta de intervenção para o turismo rural em Ilhéus-Bahia.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Turismo) – FTC, Salvador, 2004.

PETROCCHI, Mário. **Planejamento e gestão do turismo.** São Paulo: Futura, 2002.

PARQUE de aventuras é atrativo turístico em Balneário Camboriú. Revista Turismo. Santa Catarina: [entre 2005 e 2009]. Disponível em: <http://brasil.integral.info/index.php?option=com_content&task=view&id=220&Itemid=21>. Acesso em: 30 de Jul. 2009.

RAPEL movimenta o turismo de aventura. Revista Viver Bahia, Salvador, n.9, p.34-39, 2005.

RUSCHMANN, Dóris; WIDMER, Giovanni. Planejamento turístico. In: ANSARAH, Marília. **Turismo: Como aprender, Como ensinar.** Vol. 2. São Paulo: Senac, 2000.

RUSCHMANN, Dóris. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente.** 8 ed. São Paulo: Papirus, 2001.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental.** Tradução: Margarete Dias Pulido. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2000.

SWARBROOKE, John. **Turismo de Aventura: conceitos e estudos de caso.** Tradução: Marise Philbois Toledo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 28.

SOUZA, Arminda Mendonça; CORRÊA, Marcus. **Turismo: conceitos, definições e siglas.** Manaus: Editora Valer, 1998.

SILVA, Jorge. **Nova dinâmica espacial da cultura e do turismo da Bahia** – base para o planejamento do desenvolvimento turístico fundamentado nos conceitos e praticas de Cluster econômico. [S.l.]: 2004. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=2759>>. Acesso em: 20 fev. 2010.

SILVA, Fábio. **Turismo de aventura: uma alternativa de desenvolvimento local no distrito de Itaitú, Jacobina, Bahia.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - UNEB, Jacobina, 2007.

SILVA, Maria. **A importância do planejamento turístico.** Revista de estudos turísticos, São Paulo, n.10, 2003. ISSN1809-6468. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=798>>. Acesso em: 15 fev. 2010.

SPINK, Mary; ARAGAKI, Sérgio; ALVES, Marina. **Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: constatando esportes radicais e turismo de aventura.** Revista Psicologia Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v.18, p. 26-38, 2005). Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=18818105>>. Acesso em: 15 fev. 2010.

SOUZA, Éder Jr. Cruz de; BARBOSA, Guatamonzi. Jacobina: breve histórico de uma longa realidade. In: AMORIM, Eliã; COUTINHO, Rosilda Valois (org). **Quem inventou Jacobina? Iniciando a pesquisa na escola básica.** Jacobina: Editora Rabisco, 2005. p. 52-60.

TEXEIRA, Aline. **Estudo do potencial turístico visando a elaboração de sugestões de roteiros regionais integrados na raia divisória Mato Grosso do sul, Paraná e São Paulo, apoiado em técnicas de geoprocessamento.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Turismo) – UNESP, Rosana, 2008.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais.** 1 ed. São Paulo: Manole, 2001.

APÊNDICE A – ENTREVISTA APLICADA AOS REPRESENTANTES DA ARMAT E AO GRUPO ARANHAS DA CHAPADA

Tema: Estudo de caso sobre o Turismo de Aventura no distrito de Itaitú, Jacobina-Ba.

Público alvo: Representantes da Associação Regional de Monitores de Atrativos Turísticos de Jacobina – ARMAT e com o Grupo Aranhas da Chapada – grupo de Rapel de Jacobina.

Entrevistado: _____

Área de atuação: _____

Data da entrevista: _____ **Local:** _____

1. Quando e como surgiu esta instituição? Quantos integrantes possuem?
2. Estes integrantes possuem curso de capacitação voltado para a área do turismo?
3. Os membros da instituição seguem alguma norma de segurança?
4. Quais são os equipamentos de segurança utilizados nas atividades de aventura?
5. Quais são as ações desenvolvidas pela instituição?
6. Existe incentivo e/ou fiscalização das atividades desenvolvidas na instituição por parte da gestão pública? Quais?
7. Onde e como contratar os serviços desta instituição? Há alguma empresa ou órgão que vocês têm parceria?
8. Vocês trabalham com alguma atividade do turismo de aventura? Porque escolher o segmento para trabalhar?
9. Vocês trabalham com o destino Itaitú? De que forma?
10. Qual a capacidade máxima de pessoas (turistas) vocês trabalham por passeio?
11. Qual o estado de preservação dos atrativos e das trilhas de Itaitú? Como é feita a preservação e limpeza destes?
12. Existe algum atrativo em Itaitú que podem ser utilizado para a prática do turismo de aventura, mas que ainda não é explorado? Qual?
13. Qual a opinião que a instituição possui sobre o turismo desenvolvido em Itaitú? Trata-se de uma atividade que beneficia ou prejudica a localidade?

APÊNDICE B – ENTREVISTA APLICADA AOS REPRESENTANTES DA PREFEITURA DE JACOBINA

Tema: Estudo de caso sobre o Turismo de Aventura no distrito de Itaitú, Jacobina-Ba.

Público alvo: Representante da Prefeitura Municipal de Jacobina.

Entrevistado: _____

Área de atuação: _____

Data da entrevista: _____ **Local:** _____

1. Qual a importância cultural, política, ambiental e econômica do distrito de Itaitú para o município de Jacobina?
2. De que forma o setor público visualiza o turismo de aventura desenvolvido em Itaitú e quais são os investimentos direcionados à atividade e ao distrito?
3. Quais são os atrativos de Itaitú e o que se tem feito para preservá-los?
4. De que forma é feita a divulgação do destino Itaitú, principalmente no que se refere ao segmento do turismo de aventura?
5. Existe alguma ação que vise qualificar as pessoas que trabalham diretamente com a atividade do turismo em Itaitú? Se existe, quais são e como é feita a fiscalização dessas atividades, principalmente as que envolvem o turismo de aventura?
6. Há incentivo público voltado ao setor privado que viabilize o desenvolvimento da atividade turística em Itaitú? De que forma isto acontece?
7. Qual a relação da Prefeitura com os órgãos federais e estaduais voltados para o turismo? Existe algum apoio?

APÊNDICE C – FORMULARIO APLICADO NOS ESPAÇOS DE A&B**FORMULÁRIO - EMPREENDIMENTO TURÍSTICO - ESPAÇOS DE A&B**

NOME: _____ IDADE: _____

IDENTIFICAÇÃO DO MEIO DE HOSPEDAGEM

TIPO SUBTIPO DO MEIO DE HOSPEDAGEM

 BAR RESTAURANTE LANCHONETE OUTROS: _____

NOME DO EMPREENDIMENTO: _____

NATUREZA DA ENTIDADE:

 PÚBLICA PRIVADA SINDICATOS ASSOCIAÇÕES OUTROS: _____

INÍCIO DA ATIVIDADE: _____

LOCALIZAÇÃO E AMBIÊNCIA

ENDEREÇO: _____

TELEFONE/FAX: _____ SITE: _____ E-MAIL: _____

O ESTABELECIMENTO POSSUI ALGUM CADASTRO OU CLASSIFICAÇÃO DO ÓRGÃO OFICIAL DE TURISMO?

 SIM _____ NÃO

Nº DE EMPREGADOS:

PERMANENTES: _____ TEMPORÁRIOS: _____ COM DEFICIÊNCIA: _____

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO: _____

MESES DE MAIOR FLUXO DE CONSUMIDOR: _____

MESES DE MENOR FLUXO DE CONSUMIDOR: _____

CAPACIDADE DO EMPREENDIMENTO

Nº DE PESSOAS EM PÉ: _____ Nº DE PESSOAS SENTADAS: _____ Nº DE MESAS: _____

ÁREA SOCIAL E SERVIÇOS

() ESTACIONAMENTO () MÚSICA AO VIVO () MÚSICA AMBIENTE () MÚSICA
MACÂNICA () LOCAL PARA EVENTO () SANITÁRIOS () OUTROS _____

QUAL O CARDÁPIO OFERECIDO AO CONSUMIDOR?

() BEBIDA NÃO ALCÓOLICA () BEBIDA ALCÓOLICA () CAFÉ DA MANHÃ ()
ALMOÇO () JANTA () LANCHE () OUTROS _____

COMO É FEITA A DIVULGAÇÃO DO EMPREENDIMENTO?

() POSTO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS DE JACOBINA () INTERNET () FOLDER
() AGÊNCIA DE VIAGEM () JORNAL/REVISTA () NENHUM () OUTROS _____

RELAÇÃO EMPREENDIMENTO- ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

EXISTE ALGUM APOIO OU INCENTIVO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA?

() SIM _____ () NÃO

RENTABILIDADE

LUCROS COM A ATIVIDADE: () SUFICIENTE/SATISFATÓRIO () INSUFICIENTE

**APÊNDICE D – FORMULARIO APLICADO NOS MEIOS DE
HOSPEDAGEM**

**FORMULÁRIO: EMPREENDIMENTO TURÍSTICO
MEIOS DE HOSPEDAGEM**

NOME: _____ **IDADE:** _____

IDENTIFICAÇÃO DO MEIO DE HOSPEDAGEM

TIPO SUBTIPO DO MEIO DE HOSPEDAGEM

HOTEL POUSADA ALBERGUE OUTROS _____

NOME DO EMPREENDIMENTO: _____

NATUREZA DA ENTIDADE:

PÚBLICA PRIVADA SINDICATOS ASSOCIAÇÕES OUTROS: _____

INÍCIO DA ATIVIDADE: _____

LOCALIZAÇÃO E AMBIÊNCIA

ENDEREÇO: _____

TELEFONE/FAX: _____ SITE: _____ E-MAIL: _____

O ESTABELECIMENTO POSSUI ALGUM CADASTRO OU CLASSIFICAÇÃO DO ÓRGÃO
OFICIAL DE TURISMO?

SIM _____

NÃO

Nº DE EMPREGADOS:

PERMANENTES: _____ TEMPORÁRIOS: _____ COM DEFICIÊNCIA: _____

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO: _____

TAXA DE OCUPAÇÃO ANUAL MÉDIA (%): _____

MÊS DE MAIOR OCUPAÇÃO:

() JAN. () FEV. () MAR. () ABR. () MAI. () JUN. () JUL. () AGO. () SET. () OUT. ()
NOV. () DEZ.

MÊS DE MENOR OCUPAÇÃO:

() JAN. () FEV. () MAR. () ABR. () MAI. () JUN. () JUL. () AGO. () SET. () OUT. ()
NOV. () DEZ.

VALOR MÉDIO DAS DIÁRIAS:

() ATÉ 20 REAIS () ENTRE 25 E 50 REAIS () ENTRE 50 A 100 REAIS () ACIMA DE
100 REAIS

UNIDADES HABITACIONAIS

Nº TOTAL DE UHs (QUARTOS) _____ Nº DE LEITOS (CAMAS) _____

FACILIDADES NAS UHs:

() TV () RÁDIO () INTERNET () TELEFONE () FRIGOBAR () AR CONDICIONADO
() VENTILADOR () LAREIRA () COFRE () SANITÁRIOS () OUTROS: _____

ÁREA SOCIAL E SERVIÇOS

() RESTAURANTE () BAR () LANCHONETE () CHURRASCARIA () ESTACIONAMENTO
() SERVIÇO BILÍNGUE () SALA DE TV/VÍDEO () INTERNET () LAVANDERIA
() SERVIÇOS MÉDICOS () SALA DE LEITURA () COFRE PRIVATIVO () CENTRAL

TELEFÔNICA INFORMAÇÕES TURÍSTICAS GUARDA BAGAGEM SERVIÇO DE COPA OUTROS _____

COMO É FEITA A DIVULGAÇÃO DO MEIO DE HOSPEDAGEM?

POSTO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS DE JACOBINA INTERNET FOLDER
 AGÊNCIA DE VIAGEM JORNAL/REVISTA NENHUM OUTROS _____

VOCÊS TÊM ALGUMA PARCERIA COM GUIAS E CONDUTORES?

SIM NÃO

RELAÇÃO EMPREENDIMENTO - ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

EXISTE ALGUM APOIO OU INCENTIVO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA?

SIM _____ NÃO

HÓSPEDES

DE ONDE VEM A MAIORIA DAS PESSOAS QUE SE HOSPEDAM NESTE EMPREENDIMENTO?

JACOBINA E CIDADES VIZINHAS SALVADOR OUTROS ESTADOS OUTROS PAÍSES OUTROS _____

OS HÓSPEDES DESTA EMPREENDIMENTO COSTUMAM VISITAR ITAITÚ PARA PRATICAR ALGUMA ATIVIDADE DO TURISMO DE AVENTURA?

SIM NÃO

RENTABILIDADE

LUCROS COM A ATIVIDADE: SUFICIENTE/SATISFATÓRIO INSUFICIENTE

APÊNDICE E – FORMULARIO APLICADO AOS MORADORES DE ITAITÚ

FORMULÁRIO - MORADOR DO DISTRITO DE ITAITÚ

NOME (OPCIONAL): _____

IDADE: ENTRE 18 E 25 ANOS ENTRE 26 E 40 ANOS ACIMA DE 40 ANOS

SEXO: MASCULINO FEMININO

ESTADO CIVIL:

SOLTEIRO CASADO DIVORCIADO OUTROS _____

ESCOLARIDADE:

ANALFABETO ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO ENSINO MÉDIO INCOMPLETO ENSINO MÉDIO COMPLETO ENSINO SUPERIOR OUTROS _____

VOCÊ EXERCE ALGUMA PROFISSÃO RELACIONADA AO TURISMO EM ITAITÚ?

SIM, QUAL? _____ NÃO, QUAL? _____

VOCÊ COSTUMA PARTICIPAR DE REUNIÕES OU DEBATES PARA DISCUTIR ASSUNTOS DE INTERESSE DO DISTRITO DE ITAITÚ?

SIM, QUAIS? _____ NÃO

VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA REUNIÃO SOBRE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS ATRATIVOS NATURAIS (CACHOEIRAS, TRILHAS, RIOS E OUTROS) DO DISTRITO DE ITAITÚ?

SIM, QUAIS? _____ NÃO

VOCÊ ACHA QUE A ATIVIDADE TURÍSTICA DESENVOLVIDA EM ITAITÚ:

BENEFICIA A COMUNIDADE DO DISTRITO PREJUDICA A COMUNIDADE DO DISTRITO